
SESSÕES DO PLENÁRIO

27ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 14 de agosto de 2009.

PRESIDENTE: DEP. MARCELO NILO

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a presente sessão especial em homenagem aos 30 anos de reconstrução da UNE – União Nacional dos Estudantes -, proposta pelos deputados Yulo Oiticica e Javier Alfaya, respectivamente presidente e vice-presidente da Frente Parlamentar por Direitos e Políticas Públicas para a Juventude.

Convido, para compor a Mesa, o nobre deputado do PT, presidente da Frente Parlamentar por Direitos e Políticas Públicas para a Juventude, deputado Yulo Oiticica; o vice-presidente da Frente Parlamentar por Direitos e Políticas Públicas, deputado Javier Alfaya, do PCdoB; o magnífico reitor da Universidade Federal da Bahia, professor Naomar Almeida; o Sr. Elísio Andrade, representante do magnífico reitor da Universidade Estadual da Bahia, professor Lourisvaldo Valentim; o vereador Henrique Carballal, do PT; o Sr. Marcelino Galo, superintendente do Ministério da Pesca na Bahia; o Dr. Gilmar Bittencourt, subcoordenador do núcleo de Direitos Humanos, representando a Procuradora Geral Drª Tereza Cristina; o Sr. Jefferson Silva, presidente da União dos Estudantes da Bahia – UEB; o Sr. Eduardo Ribeiro, coordenador geral do Diretório Central da UFBA; o professor Rui César, ex-presidente da UNE; o Sr. Tássio Brito, 3º vice-presidente da UNE; o Sr. Ademário Costa, ex-vice-presidente da UNE, 1º Diretor de Combate ao racismo da UNE e vice-presidente do PT, e convido o Sr. Vladimir Meira, ex-vice-presidente regional da UNE na Bahia.

Registro as presenças dos deputados Álvaro Gomes, do PCdoB, Bira Corôa, do PT, e Zé Neto, do PT, presidente da comissão mais importante desta Casa, a Comissão de Constituição e Justiça da Assembleia.

Ouviremos agora o hino da UNE.

(Execução do hino da UNE.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Concedo a palavra ao nobre deputado, meu querido amigo, Yulo Oiticica, proponente desta sessão.

Por sugestão do nobre deputado Yulo Oiticica e do deputado Javier Alfaya, vamos inverter aqui quebrando o protocolo, mas tendo em vista que é a comemoração da UNE, dos estudantes, e estou me lembrando da época em que eu era estudante, talvez seja o momento mais bonito da juventude, vou exhibir as fotos com relato do deputado Javier Alfaya.

O Sr. Javier Alfaya:- Meus amigos e amigas, vamos assistir à projeção de umas

fotos feitas pelo então estudante da UNB, hoje professor universitário de antropologia, Milton Guran, que também faz trabalho em fotografia e fez o que foi o único registro fotográfico em livro do Congresso da UNE. É um documento muito importante, documento histórico, um livro editado por uma editora que já não existe mais em Brasília, chamada Editora Galilei, vinculada também a uma livraria que havia e que era um ponto de resistência democrática em Brasília chamada Livraria Galilei. Esse trabalho era para ter sido digitalizado e deve haver algumas falhas técnicas, eu fotografei hoje de manhã cedinho com máquina, não foi com *scanner*, mas poderemos ter bastante clareza da beleza que foi o congresso. Do meu lado está Ruy César, que foi o companheiro que coordenou o Congresso da Reconstrução e foi eleito, logo depois no segundo semestre, presidente da UNE. Eu e ele vamos fazer alguns comentários sobre as fotos, até para vocês nelas identificarem pessoas que são muito conhecidas no mundo político de hoje, 30 anos depois. Vamos fazer aqui um jogo de adivinhação para ver quem consegue identificar algumas figuras. Não vou falar no começo para dar um tempinho a vocês “matutarem” e ver quem são as pessoas.

Peço aos nossos assessores que desliguem a luz do plenário, por favor, ou pelo menos baixem o mais possível. Não é o “apagão” do Congresso da UNE, teve um “apagão” daquela vez...

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Deputado Javier, não dá para desligar a luz nem reduzi-la porque passa meia hora para voltar ao normal. Agradeço a V. Ex^a a compreensão.

O Sr. Javier Alfaya:- Tudo bem, presidente, mas venha cá, por favor, venha ver as fotos conosco.

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- A Presidência não pode ficar... A Mesa não pode ficar sem pelo menos um membro...

O Sr. Javier Alfaya:- Ora, faz de conta que aqui é o Congresso da UNE...

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Aí V. Ex^a está querendo quebrar o protocolo demais.

O Sr. Javier Alfaya:- Está bem, presidente, depois mandamos o livro para V. Ex^a.

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Com certeza, olharei hoje à noite as imagens.

O Sr. Javier Alfaya:- V. Ex^a estudou Engenharia na Politécnica, não foi?

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Engenharia Civil na UFBa.

O Sr. Javier Alfaya:- Vamos dar início à exibição das fotos (o deputado começa a exibição das fotografias): esta é a capa do livro “Encontro na Bahia”, o autor é Milton Guran, Editora Galileu. Há um poema, que não ficou muito evidenciado, e o autor é Luís Humberto, provavelmente de Brasília. O livro foi todo feito em Brasília.

(O Sr. Albino fala fora do microfone.)

O Sr. Javier Alfaya:- O Albino está aqui nos informa que o Luís Humberto é professor de fotografia da UnB. São duas pessoas vinculadas à fotografia, Milton Guran e Luís Humberto.

(Continua a exibição do vídeo.)

O Sr. Javier Alfaya:- Essa foto é no Campo Grande, e esse prédio não existe mais, era sede do MDB - Movimento Democrático Brasileiro, depois PMDB. Essa casa foi derrubada e hoje é uma sorveteria perto do Hotel da Bahia, um lugar bastante

conhecido no Campo Grande, foi o posto central de recepção. Esse lugar ficou bastante conhecido depois com uma foto de Ulysses Guimarães tentando chegar à sede, e os cachorros da Polícia Militar por cima dele. Então, esse prédio era o lugar da recepção e orientação da delegação em todo o Brasil. Não é isso, Rui?

O Sr. Rui César:- Nós fizemos uma campanha junto à comunidade e os estudantes, na sua maioria, foram hospedados em casas de família. Então, havia um cadastro das famílias e os estudantes que chegavam eram encaminhados para as casas das pessoas. Toda a hospedagem foi feita dessa forma: comunitária.

(Continua a apresentação do vídeo.)

O Sr. Javier Alfaya:- Esse é o Centro de Convenções, todo mundo conhece, estava ainda sem concluir, em obras. Temos ali a chegada das delegações.

O Sr. Rui César:- Vale apenas registrar um fato que ocorreu na época, que foi a nossa entrevista com o então governador Antonio Carlos Magalhães, e o ministro da Justiça, Abi-Ackel proibiu o Congresso, textualmente, e nós tivemos uma “maluquice” de fazer essa entrevista com o governador, e não sabemos por que cargas d’água ele resolveu ceder o Centro de Convenções ainda não inaugurado. Fomos pedir o Balbininho, queríamos o Balbininho, e acabou que ele deu a permissão, embora com muitos fatos, muita repressão, uma bomba de pó que jogaram, as luzes foram apagadas. Mas conseguimos fazer o congresso no Centro de Convenções mesmo antes da sua inauguração.

(Continua a apresentação do vídeo.)

O Sr. Javier Alfaya: - Temos ali a Mesa de Abertura, esse que está presidindo a Mesa falou aqui agora, foi o Rui César, na época estudante de Comunicação da Universidade Federal da Bahia.

(Continua a exibição do vídeo.)

O Sr. Javier Alfaya:- Essa é a faixa na mesa dos trabalhos. Esse é um detalhe do plenário, e aí aparece uma pessoa que alguns aqui conhecem, que é um companheiro militante do PCdoB.

Esse ali é uma figura que muita gente conhece, mais duas pessoas muito conhecidas, jornalista da *TV Aratu*, esqueci-me o nome dela, e o ex-deputado Marcelo Cordeiro. E quem falou pelos ex-presidentes da UNE foi o atual governador de São Paulo e candidato à Presidência da República, o José Serra, que era o presidente da UNE quando houve o golpe militar de 64. Foi ele quem estava à frente da entidade quando os militares tomaram o poder aqui no País.

Depois a mesa mudou de posição, vocês viram, uma composição muito ampla. Eu e Rui vamos comentar daqui a pouquinho essa mobilização.

A plenária inicial tinha algo em torno de 10 a 11 mil pessoas, uma representação diversificada socialmente falando, havia uma representação também da União Internacional dos Estudantes. Esse que está falando é um representante do Sindicato dos Trabalhadores Rurais da região do Araguaia, que veio do norte de Goiás, da região onde houve a guerrilha do Araguaia. Foi um dos momentos mais emocionantes da abertura do congresso, porque ele representava justamente o segmento mais popular, o movimento sindical especialmente de uma região importante politicamente, tão simbólica, que acabou sendo o símbolo da resistência contra a ditadura, a região do Araguaia.

Esse é um detalhe da plenária inicial, uma quantidade enorme de pessoas, foi bem no comecinho do congresso. Certamente delegados com outras pessoas que não eram delegados vieram dos diversos cantos do Brasil, uma plenária imensa.

Esse que está fazendo agora é um deputado já falecido, na época era o líder do MDB na Câmara dos Deputados, Freitas Nobre. Ele era da ala autêntica do MDB, que depois virou a Frente Popular. Freitas Nobre, falou em nome em da Câmara dos Deputados e pelo menos uma parte deles deu total apoio a essa iniciativa, a esse evento histórico e marcante do processo de democratização do País.

Esse que fala nessa fato é um ex-presidente, Vinícius Caldeira Abrantes, eu não o conheci. Foi na década de 60, pós-golpe militar. Abrantes foi certamente presidente da UNE depois do golpe militar, entre 64 e 68.

Essa foto além de plasticamente muito bonita tem uma coisa muito significativa para que o congresso da UNE acontecesse na Bahia. Em Salvador havia um forte movimento democrático e de articulação com o meio popular. Devemos muito – e quero registrar isso agora – a uma articulação que existiu na época chamado “trabalho conjunto”, coordenado por um companheiro que não se encontra mais conosco, ex-estudante de arquitetura, líder na faculdade junto com a geração que ajudou. Ele foi Manoel José de Carvalho.

Foi ele com outras lideranças que estão aqui presentes, Joviniano Neto, Ana Guedes, que compõe o Comitê Brasileiro pela Anistia, juntamente com o Comitê de Defesa da Amazônia, grande movimento contra um projeto da ditadura militar de ocupação da Amazônia, foi a primeira grande manifestação de resistência contra a destruição da selva amazônica. Esse comitê se reunia no Instituto dos Arquitetos do Brasil - IAB, na Ladeira da Praça. Essa faixa do Comitê de Defesa da Amazônia representa essas outras organizações e, sem elas, não teria havido o congresso da UNE na Bahia. Foram responsáveis por isso o Comitê de Defesa da Amazônia, o Comitê Brasileiro pela Anistia, o Movimento Democrático Brasileiro, evidentemente as organizações estudantis, que eram muito fortes, e outras tantas entidades, como a Ordem dos Advogados do Brasil etc.

Essa foto é muito curiosa. Quando já tinha começado a plenária, fora da hora, entrou um grupo que não conhecíamos, está ali com a bandeira do Rio Grande do Sul “Diretório Estadual dos Estudantes”, e não usávamos essa nomenclatura, porque era a que a ditadura tinha imposto por uma lei que acabou não pegando e que era uma tentativa de substituir a UNE. A ditadura criou em 1964 uma organização fantasma que não vingou chamada de Diretório Nacional dos Estudantes Criou o Diretório Estadual dos Estudantes para substituir as antigas UEEs, são as que existem em todo o Brasil, em São Paulo, no Rio Grande do Sul, e na Bahia UEB, em Pernambuco UEP, e assim por diante.

Então, eles entraram gritando palavras de ordem agressivas: “Nós somos getulistas”. Autodefiniam-se como estudantes herdeiros do legado político de Getúlio Vargas. Uma pequena delegação. Depois houve uma negociação, eles entraram numa boa no congresso e se incorporaram à massa de delegados e convidados de todo o Brasil. Começaram tentando questionar o congresso, mas depois tudo foi resolvido graças à ação de algumas lideranças, como de Ruy César e Aldo Rebelo, que desceram para conversar com eles.

Esse aqui é um dos integrantes, justamente, dessa comitiva do Rio Grande do Sul. Não dá para ler a legenda, mas está escrito assim: “Nós somos getulistas..., queremos votar”. Essa era a palavra de ordem do rapaz dessa foto, com a coca-cola no peito. Mas depois eles se integraram direitinho, não houve mais essa frase e votaram sem nenhum problema.

Claro que a Taquigrafia deve retirar minha expressão, por favor, não é isso, presidente? Não pode haver palavrão na sessão, mas as nossas funcionárias sabem e têm competência para isso.

Era um momento da plenária com um companheiro defendendo suas teses, suas posições. Certamente, se aguçarmos a vista vamos descobrir gente conhecida. Esse que está aqui embaixo é Mariano, que depois foi vice-presidente da UNE na gestão de Aldo Rebelo. Ele, que atualmente é professor de Matemática da Universidade Federal do Rio de Janeiro, na época era militante do MR-8.

Vocês vejam o “conforto” do almoço! A obra do Centro de Convenções não estava terminada, vemos o terreno ainda revolto, e o pessoal almoçando umas quentinhas. Como foram conseguidas?

O Sr. Ruy César:- Apoio de uma empresa de Salvador.

O Sr. Javier Alfaya:- Essa é uma outra reunião de bancada, não sei exatamente de que estado, mas havia muito essas reuniões, como acontece ainda hoje, por estado.

Queria, agora, fazer o primeiro desafio: quem é esse que está aqui embaixo com a camisa anistia. Ele foi vereador em Salvador e ainda é um líder importante?

(A plateia se manifesta: Waldemar.)

O Sr. Javier Alfaya:- Waldemar, o companheiro Vavá, que hoje é muito ligado à luta em defesa das crianças e dos adolescentes no Cedeca. Vavá era um grande companheiro oriundo do movimento comunitário, foi da Fabs, Federação de Associações de Bairro, juntamente com Gisele e Aladilce, que atualmente é vereadora em Salvador.

Aqui vemos um popular que estava lá lendo uma das teses do congresso da UNE – lembremos de que todas as tendências políticas apresentaram teses, formulações. Esses outros são dois estudantes da Politécnica, lembro-me deles.

Quero fazer um comentário sobre essa camisa, que é muito bonita. Ela foi feita por uma pessoa que alguns que estão aqui conhecem, um então estudante Comunicação, Luiz Antônio, que trabalha para o governo e Angola já há alguns anos, no principal jornal daquele país. Ele, que é jornalista, artista gráfico e fotógrafo, foi autor dessa camisa muito bonita que foi vendida. Fez também muitos outros cartazes que usamos posteriormente no movimento estudantil. Era seu colega na Facom, Ruy?

O Sr. Ruy César:- Era colega, sim. Eu usei essa camisa num Congresso da Anistia, logo depois do congresso da UNE, em Roma. Fui falar na plenária desse congresso e na plateia estavam mais de 300 exilados brasileiros, entre os quais Leonel Brizola, Diógenes Arruda Câmara, Jean Marc e Luiz Travassos, ex-presidente da UNE, sendo que o Travassos foi dos mais batalhadores e guerreiros que tivemos.

Pois bem, quando as pessoas viram essa camisa, começaram a chorar e perguntaram se era possível usá-la no Brasil, porque, na verdade, qualquer manifestação ligada à UNE, quando eles saíram, o resultado era... Muitos tinham sido presos, outros mortos, no caso de Honestino, e vários exilados. Eu levei várias camisas

e distribuí para todos eles, é uma camisa que realmente ficou muito simbólica do movimento na época.

O Sr. Javier Alfaya:- Hoje é um momento de descanso ou de reflexão ou de várias coisas ao mesmo tempo.

Esse foi o posto médico armado lá no Centro de Convenções. Em determinado momento foi muito requerido, depois Ruy vai falar do episódio, porque houve um apagão, desligaram as luzes do Centro de Convenções e soltaram um pó branco que acabou irritando os olhos de muitas pessoas. Então, o posto médico acabou sendo muito demandado.

O Sr. Ruy César:- Talvez tenha sido o momento mais difícil do Congresso. A gente pensou que era uma bomba ou alguma coisa desse tipo, alguma coisa que veio do alto. E, quando a luz apagou, um curto-circuito ou uma certa explosão aconteceu no teto. Aí todo mundo olhou pra cima, e esse pó caiu nos olhos das pessoas. Parecia um pó de vidro, alguma coisa assim. Eu estava na própria coordenação, e caiu muito pó no meu olho. Tive que segurar um pouco a assembleia ali, no escuro. Nós organizamos um coro que acalmou a plateia e pedimos que todo mundo se mantivesse sentado. A única luz acesa era a do Milton Duran, que estava fotografando e filmando. Pedimos - o microfone não funcionava - através do coro que automóveis estacionados em volta voltassem os seus faróis para a plenária e aí continuamos um tempo tocando a assembleia até que a luz fosse consertada e voltasse. Só depois que acalmou tudo foi que pude ir fazer uma lavagem dos olhos ali naquele posto, onde estava Telma trabalhando. Era minha companheira na época e mãe da minha filha, que nasceu nesse período também.

O Sr. Javier Alfaya:- Essa foto é muito importante. Aí aparecem quatro pessoas: a figura central é o companheiro Valdélío Santos Silva, que era fortíssimo candidato à presidência da UNE. Por isso, está sendo entrevistado. Hoje ele é professor da Universidade Estadual da Bahia, Uneb, e foi diretor do *campus* lá em Bom Jesus da Lapa. Nós tentamos falar muito com Valdélío para que ele estivesse aqui. Fui informado que está trabalhando lá em Bom Jesus da Lapa. Faz um trabalho de investigação sobre os quilombolas e a cultura afro aqui neste Estado. Ele foi muito demandado naquela época porque era o candidato mais forte que a principal corrente política do movimento estudantil, a Viração, apresentava para disputar a presidência.

Esse jornalista é assessor na Câmara de Vereadores hoje, muito conhecido no meio jornalístico, chamado de “Porcão”. Esse também é bastante conhecido. E este aqui, se não me engano, Demóstenes, hoje trabalha no *Correio da Bahia*. Esse aqui é Jorge. Mas os três são muito atuantes na imprensa baiana ainda hoje. E no centro Valdélío Santos Silva.

Nós fizemos grupos de debates no primeiro dia - digamos, discussão sobre ensino privado, ensino público. Portanto, cada roda dessas grande não é de estado, são grupos de debate no primeiro dia depois da abertura. Então, as faixas já expressando as posições diversificadas do movimento estudantil: abaixo a ditadura e a exploração, por um Brasil socialista, UNE, enfim.

Aqui uma foto de uma das rodas de debate. Não sei quem é a companheira que está no destaque da mesa dirigente dos trabalhos e do plenário. Aqui é um dos delegados com o crachá levantado pedindo a inscrição. Tem um professor que trouxe

aqui. Cadê o professor? Levante seu crachá de delegado. Eu também tenho, esqueci o meu.

(O professor levanta o crachá para todos verem.)

(Aplausos no Plenário.)

O Sr. Javier Alfaya:- Obrigado, professor.

Se olharmos direitinho deve aparecer alguém que... aquele que está aqui atrás alguns conhecem, Milton, que é de Jequié. Esse ali é Ripe, que é assessor do Reitor da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, e essa é Biza, que é jornalista da Assembleia Legislativa. Ripe trabalha na Reitoria da Universidade Estadual do Sudoeste. Eu só reconheci Biza(Pausa). E essa aqui é Julieta Palmeira (Palmas)

Essas duas pessoas são baianas também, são companheiras da Secretaria de Cultura do Estado da Bahia, creio que são professoras universitárias, atualmente, são duas companheiras de Salvador.

Quem é do PT deve e conhecer uma pessoa que está aqui, eu quero ver a militância petista presente. Essas duas pessoas, Zé Neto, são de Feira de Santana, sua terra; são militantes, eram ligadas ao companheiro Cândido Vacarezza, que hoje é Líder do PT na Câmara dos Deputados, que também é de Feira de Santana, e elas duas eram da Federal, da Bahia, e são de Feira de Santana.

E esse que está aqui hoje, pessoal, é o presidente da CPI da Petrobras, senador João Pedro, pelo PT do Amazonas, que na época era militante do PCdoB, agora é senador do PT pelo Amazonas e Presidente da CPI, eleito pela Bancada de apoio ao Governo Lula, evidentemente, no Congresso Nacional. Então, é uma figura que está aí na ativa, na política nacional, lá no Senado.

Essa aqui o Rui conhece, porque foi da Diretoria e ele vai explicar.

O Sr. Rui César:- Essa, talvez, tenha sido para mim a pessoa mais importante da época, Veroca, Vera Paiva, filha de Rubens Paiva, deputado que foi atirado ao mar pela Ditadura, é irmã de Marcelo Rubens Paiva, escritor, e ela foi casada com Rui Travassos; na volta do exílio, Travassos teve um acidente de carro no Rio de Janeiro e estava com Mercadante, ele faleceu nesse acidente. Vera era grande articulista do movimento estudantil de São Paulo, transitava entre todas as tendências. Naquele momento houve uma crise com “A Liberdade e Luta”, que estava provocando enorme problema, invadindo o palco; Veroca levantou-se e falou: – Pessoal, espera aí! E assim acalmou um bando de homens barbudos. Hoje ela é casada com uma pessoa chamada Avelino, que foi do movimento estudantil do Rio de Janeiro. Vera tem filhos, é psicóloga, e, à época, foi para mim a pessoa mais importante do movimento estudantil de São Paulo.

O Sr. Javier Alfaya:- Vemos aí mais um lance da votação, braços levantados com os crachás, não sei se Rui lembra que votação foi essa (Risos). Não lembra. Aí é o pessoal, como sempre, no movimento estudantil e no movimento sindical reclamando da Mesa que estava manobrando . E aqui tem um cartaz, eu fiz essa foto aproximando um pouco mais, a foto é a maior que tirei na vertical, mas ela é uma foto horizontal, que mostra: “Goiás protesta contra as manobras”. As manobras da Mesa, Rui César manobrando lá, mas é mentira, o pessoal é que tinha má vontade (Risos). Não era eu, era você que estava na Mesa manobrando (Risos).

Aqui é o pessoal protestando, mas o congresso foi muito bem dirigido por Rui, se não fosse pela sua habilidade não teria chegado ao fim. Na verdade, não houve

manobra, pelo menos assim comprometedora, a não ser o necessário.

Mas vamos lá! Vamos andar mais rápido, porque alguém já falou sobre o tempo. Mas é importante, porque esta sessão existe por causa disso. É muito importante registrar. Este é o Grupo Usina Usona, de José Celso Martinez, do Teatro Oficina, de São Paulo. José Celso tinha acabado de chegar de Moçambique, onde estava exilado fazia cinema, trabalhou para o governo revolucionário de Samora Machel e ajudou a revolução contra o colonialismo português, em 1975. Fizeram uma intervenção teatral e, depois, se apresentaram no Restaurante Universitário, na Vitória, com uma peça completa, que não foi possível apresentar no Congresso, mas houve uma apresentação-relâmpago lá.

Aqui é você, Rui César, mas não sei se você se lembra disso! Você dá a palavra aos representantes dos getulistas. Eles pediram um tempo para falar, e Rui, controlando o tempo no pulso. Eles tiveram tempo de se expressar, e essa companheira, que está aqui do lado, também era importante figura na liderança feminina, muito importante no movimento estudantil, Alzira, de Pernambuco, e acabou sendo uma das vice-presidentes na outra gestão.

Esse foi um momento superemocionante, sobre o qual quero que Rui fale um pouquinho. Foi quando ele orientou-nos a levantar a foto do último presidente da UNE, que foi assassinado: o companheiro Honestino Guimarães. Essa foto foi ampliada a partir da de uma carteira de identidade, uma foto 3x4, e a gente pediu ao hoje arquiteto que todos vocês conhecem, porque é do mundo político da Bahia, Fernando Passos, dono de uma das grandes empresas de comunicação da Bahia, se não me engano, a Engenho Novo.

Então, graças a Fernandinho, pegamos a fotozinha de Honestino... essa foto, não sei se ainda é, a diretoria do DCE está aqui presente, mas ela presidia a sala de reuniões do DCE da UFBA. Continua lá, companheiro? Esta é a foto do último presidente da UNE, que foi assassinado pelo Cenimar – Centro de Informações da Marinha, que o prendeu em Brasília e lá, provavelmente, ele foi assassinado.

O Sr. Rui César Costa Silva:- Ele seria avô este ano. A filha dele, Janaína, está grávida, e o nenê vai nascer agora, em novembro, no Rio de Janeiro.

O Sr. Javier Alfaya:- Aqui, duas pessoas muito conhecidas, estava até me esquecendo! Quem conhece? A primeira prefeita de Salvador, Lídice da Mata, aqui no cantinho, e esse aqui, companheiro dela na época, Calucho, nosso amigo e também publicitário e diretor da Tempo Propaganda, que é uma das agências de publicidade que trabalham para o governo Wagner, hoje.

Essa era a plenária, às escuras, com iluminação pontual, com Rui falando, orientando, e todo mundo, aqui embaixo, repetindo, porque não tinha havia microfone nem amplificação. Rui falava uma frase curta, e todos que estavam na frente repetiam, em coro, para que quem estivesse atrás pudesse ouvir a sua orientação.

Vamos lá! Essa é a denúncia de um crachá falso descoberto. Alguém da comissão de segurança, que a gente montou, descobriu crachás falsos. Esse aqui quem é de Camaçari, conhece! Quem é de Camaçari que está presente? Você não conhece, não, Caio? Cadê Bira Coroa, que é deputado? O deputado pelo PT Bira Coroa, junto com este companheiro e com o companheiro Leub, que era estudante de geologia, hoje militante do movimento negro e do PT, os três, compuseram a Comissão de Segurança

do Congresso. Esse companheiro chama-se Afonsinho e é marido da companheira do PCdoB Margarida. Então, Afonsinho, que era capoeirista, dava logo pernada em muita gente. Então Afonsinho, o deputado Bira Coroa e Leub eram os coordenadores da Comissão de Segurança do Congresso da UNE e foram eles que pegaram o pó, que estava aqui neste saco – o tal do branco de que Rui falou –, que foi jogado para irritar os olhos das pessoas lá no Congresso.

Vamos adiante. Esse aqui era outra figura que concorria com Valder pela presidência da UNE. É Paulo Massoca, que, como Rui já comentou, era outro grande articulador do movimento estudantil, em São Paulo. Ele era de Piracicaba e era um dos dirigentes do MR-8, Paulo Massoca. (Pausa) Esse é um lance da plenária também, às escuras. Você vê que há um holofote que ilumina um pedaço da mesa, o resto está bastante escuro. (Pausa) E esse é o momento de redação das teses. Lá atrás, uma pessoa muito conhecida do PT: José Genoíno. Foi Líder da Bancada do PT, ex-deputado federal pelo Partido dos Trabalhadores... Perdão, atual deputado federal. Rui César aqui escrevendo, Alzira e mais outros companheiros. Vamos lá. Adiante. (Pausa) Aqui também tem uma figura muito conhecida hoje que é do Ministério da Cultura. É o presidente atual da Fundação Palmares, que estuda...

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Para concluir, nobre deputado Javier Alfaya.

O Sr. Javier Alfaya:- (...) Zulo e Edvaldo Araújo. Vamos adiante, então? Vamos adiante, deputado Marcelo Nilo?

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Seus companheiros preferem ouvir o seu discurso.

O Sr. Javier Alfaya:- Não, o meu não, porque isso aqui é muito importante. (Pausa) Isso aqui é a faixa da Anistia Ampla, Geral e Irrestrita que alguém pegou para, no final do congresso, se cobrir e se proteger do frio. (Pausa) Aqui a plenária, plenária, plenária final, plenária final... Aqui José Genoíno, Massoca, Rui, Alzira e o companheiro aqui Beto Bulhões, funcionário da Prefeitura de Salvador e um grande batalhador pela democratização da terra aqui em Salvador, etc. Adiante. (Pausa) A foto final e os créditos de Milton Duran. (Palmas).

(“A UNE somos nós, nossa força e nossa voz!”)

O Sr. Zé Neto:- Pela ordem, Sr. Presidente.

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Em sessão especial, pelo Regimento, não pode haver questão de ordem, mas tendo em vista que V.Ex^a é um deputado atuante, vamos mais uma vez quebrar o protocolo e conceder uma “questão de ordem” ao nobre deputado Zé Neto.

O Sr. Zé Neto:- Primeiro, Javier, Yulo, deputados presentes, Rui, maravilha, maravilha... Naomar, que vem...

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- A “questão de ordem”, deputado.

O Sr. Zé Neto:- Estou aqui passando em minha cabeça... Porque eu venho do Movimento Estudantil também, Marcelo. Fui do DCE da UFBa nos anos 1980 com o companheiro do Movimento Estudantil, Javier.

Queria propor, Marcelo, pela grande importância deste momento, até porque temos muita coisa a retratar, queria propor ao presidente da Casa, em nome da Assembleia Legislativa, fazer a reedição desse livro e que Javier pudesse encaminhar

isso conosco para a gente trabalhar na reedição desse livro. (Palmas) Queria ouvir de V.Ex^a um sim. Não vou poder ficar, tenho que ir à Casa Civil, mas gostaria de que V.Ex^a aprovasse isso.

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Deputado Zé Neto, o pleito de V.Ex^a é um dos mais justos.

A Sr^a Camila Vieira:- Eu queria que a companheira Daniele fosse para a mesa. Eu não me sinto representada. (Palmas)

O Sr. PRESIDNETE (Marcelo Nilo):- V.S^a estava com o meu pensamento. (Pamas) Vou convidar duas mulheres para a mesa. Vou convidar a Daniele e vou convidar também Gisélia, porque sei que ela teve uma participação muito importante nessa área. Eu a conheço... Vou convidar as duas. Gostaria de que o Cerimonial providenciasse duas cadeiras.

Deputado Zé Neto, o pleito de V.Ex^a é muito justo. Vou autorizar a Assessoria de Comunicação a reeditar esse livro. Diga-se de passagem que é um pleito muito justo de V.Ex^a. Acho que isso atende V.Ex^a, o deputado Javier, o deputado Yulo e o deputado Álvaro Gomes. Nosso querido reitor, usando o nosso convênio da Assembleia/Universidade pela Editora da UFBA, vamos autorizar. O pleito de V.Ex^a está deferido.

O Sr. Zé Neto:- Muito bem!

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Tendo em vista que tenho alguns compromissos assumidos anteriormente, vou passar a presidência dos trabalhos ao nobre deputado Javier Alfaya e concedo a palavra ao nobre deputado Yulo Oiticica, proponente desta sessão especial.

O Sr. PRESIDENTE (Javier Alfaya):- Com a palavra o deputado Yulo Oiticica, do Partido dos Trabalhadores.

O Sr. YULO OITICICA:- Bom-dia a todos. Compreendemos que quebrar o protocolo, no Parlamento brasileiro como fiel instrumento da burguesia, não é uma tarefa fácil. Mas é uma luta, sem dúvida, da UNE de ontem, da UNE de hoje, é uma luta de todos nós na perspectiva de fazer com que os instrumentos verdadeiramente sejam instrumentos de fortalecimento da musculatura dessa tão nova democracia que se constitui em nosso País. Portanto, exercitar uma sessão especial como um espaço de quebrar protocolos, sem dúvida, tem muito a ver com a história da UNE.

Quero saudar, na ausência, o presidente Marcelo Nilo, já agradecendo pela possibilidade da reedição desse livro. Vale lembrar que será também editado um livro com toda a íntegra desta sessão especial.

Quero saudar o deputado Javier Alfaya, que é co-autor também desta sessão especial, é um companheiro sem dúvida membro ativo de ontem e de hoje desse instrumento da juventude brasileira, portanto, também autor junto comigo desta sessão; quero saudar o professor Naomar Almeida, Magnífico Reitor da Universidade Federal da Bahia, dizendo que vou lembrar do início da década de 60, quando os estudantes tiveram que ocupar a universidade porque o reitor ficava lá durante 15 anos e, certamente, ficaria quase que *ad eternum*, a saúde é que definiria até quando. E hoje quero parabenizá-lo pela importância de fazer uma gestão participativa, discutida, atenta aos problemas que ainda existem na universidade, na Bahia e no Brasil. Quero parabenizá-lo porque o senhor tem se destacado inclusive no papel do bom debate na

educação pública em todo o País, não só do Brasil, não tenho dúvida de que Dilma deve estar atenta a isso, quem sabe, nós teremos aí um ministro baiano assumindo a educação no próximo governo do Estado.

Quero saudar também o nosso vereador Henrique Carballal, professor, vereador da cidade de Salvador, atuante na luta estudantil, ex-representante da UBES também aqui em Salvador; saudar o nosso companheiro Marcelino Galo, hoje superintendente da Secretaria Especial de Aquicultura e Pesca, na Bahia, portanto, representante do governo federal, que tem feito um trabalho importante na defesa da política pública da juventude em todo o canto. Hoje, nessa área, em especial, da Pesca, mas não só da sua trajetória de defesa dos direitos humanos.

Quero saudar o subcoordenador de Núcleo de Direitos Humanos, Gilmar Bittencourt, que representa aqui a Dr^a Teresa; esse instrumento também importantíssimo da democracia, que é a Defensoria Pública; o presidente da União dos Estudantes da Bahia, UEB, está aqui o nosso companheiro Jefferson Silva; coordenador-geral do Diretório Central dos Estudantes da UFBA, nosso companheiro Eduardo Ribeiro, que tem entrado também nessa luta intensa para que os direitos dos estudantes sejam cada vez mais prioridade; presidente da UNE, professor Ruy César que de fato é importante estar aqui porque é uma figura emblemática no fortalecimento dessa instituição; o nosso companheiro, vice-presidente da UNE, Tarso Brito, participou recentemente e ativamente do 50º Encontro da UNE, e vale lembrar, Tarso, a respeitabilidade que tem a UNE hoje no Brasil, sendo o 1º Encontro da UNE, portanto, o 1º Congresso Nacional da UNE que tem a presença efetiva do presidente da República na sua abertura. E disse lá o presidente em alto e bom som que quando os estudantes não estiverem conformados, têm que ir às ruas porque é um lugar importante de manifestações.

Quero saudar aqui o nosso companheiro Ademário Costa, primeiro diretor de combate ao racismo da UNE e vice-presidente do Partido dos Trabalhadores do Estado da Bahia; quero saudar o vice-presidente regional da UNE na Bahia, Vladimir Meira; quero saudar a todos e a todas aqui, saudando a todas as mulheres presentes na pessoa da companheira Cacá, pela importante reivindicação, como também saúdo Camila, mulher militante e guerreira da luta pelos direitos humanos na UNE, que acaba de colocar mais uma mulher guerreira no mundo para potencializar esta boa luta pelos direitos humanos.

Enfim, saúdo a todos e a todas por estarem aqui fazendo este momento importante para a Assembleia Legislativa da Bahia.

A história da UNE, sem dúvida, faz parte da história de nosso País. É verdade que ela é uma instituição ímpar por tratar, especificamente, de um segmento tão importante, a juventude do nosso País. Mas sabemos que são muitos os movimentos sociais que lutam pela democracia no Brasil e se somam nas batalhas diárias contra a criminalização dos movimentos sociais e a exploração dos trabalhadores e trabalhadoras, pelos direitos humanos, pela reforma agrária. Aqui estão presentes os nossos companheiros e companheiras do MST. Ou seja, há várias outras trincheiras que integram o grande sonho de transformação da sociedade em que vivemos. O movimento estudantil e a UNE estão entre aqueles que dedicaram, dedicam e, sem dúvida, ainda dedicarão toda a sua vida e a sua história à democracia do Brasil.

Estamos neste momento homenageando uma grande vitória política dos lutadores brasileiros de um período muito difícil da nossa história. Não há dúvida de que há 30 anos a juventude universitária cumpria, naquele momento, um papel importante no enfrentamento da ditadura militar, buscando reerguer a UNE para retirá-la da clandestinidade.

No entanto, a homenagem que prestamos aqui ao movimento estudantil brasileiro, diante da grandeza da UNE, não pode deixar de retratar o fato de que, além desses 30 anos de reconstrução, são mais de 70 anos de protagonismo político e mobilização da juventude brasileira.

A União Nacional dos Estudantes combateu as ideias nazifascistas na primeira metade do século XX. Isso foi fundamental para deslanchar a campanha *O petróleo é nosso*, garantindo a consolidação da Petrobras, o que alavancou a extração do nosso petróleo com tecnologia, capital e recursos estatais e nacionais.

Com mais de 7 décadas de vida, a UNE é a mesma do famoso CONEB de Salvador, que deflagrou a campanha pela Reforma Universitária – como já se disse aqui, isso ainda hoje está tão presente na luta da UNE não só na Bahia, mas em todo o nosso País –, que culminou na famosa greve de um terço. Essa greve reivindicava a garantia da presença de um terço dos estudantes nos conselhos universitários.

Greves e lutas de massas fizeram uma revolução política, artística e cultural, criando os Centros Populares de Cultura, que aliavam a conscientização à luta. Ou seja, a cultura e o ativismo, revelando artistas como Sérgio Mambert, Vianinha, Carlinhos Lira, entre outros, e produzindo obras fantásticas, como o *Auto dos 99%*, inscrevendo definitivamente os estudantes na vanguarda cultural de nosso País. Eu irei ainda tratar dos 99%.

Essa é entidade que enfrentou ainda tão jovem os tempos de chumbo, de supressão das liberdades democráticas, da cassação do sonho, de brutalidades e terrorismo patrocinado, infelizmente, pelo aparelho do Estado brasileiro. Essa é a UNE que viu a sua legalidade cassada, seu congresso proibido, sua sede queimada, seus dirigentes perseguidos, humilhados, mutilados, sumidos. E tantos ainda estão desaparecidos até hoje!

Na década de 1960, tínhamos aproximadamente – e este é um dado importante – 100 mil estudantes em universidades brasileiras. Isso equivalia a 1% da população brasileira. Mesmo com o avanço de hoje, temos apenas 12% da juventude brasileira em universidades. Se alcançar a universidade ainda é um desafio para a juventude brasileira, muitos são os paradigmas a serem revistos e quebrados. É ainda para muitos a juventude vista como caso de polícia, quando é a juventude caso de política, e política no seu mais nobre conceito "arte do bem comum", e esta deve se caracterizar pela participação efetiva de todos os segmentos juvenis; onde o seu protagonismo passa pela capacidade de indignar-se diante ainda de um País que lidera os números de homicídios contra a juventude no mundo e onde os seus direitos à saúde, moradia, lazer, educação, entre tantos outros, em que pese a alguns avanços, ainda está longe da garantia efetiva de seus direitos estabelecida na Constituição federal. Mas a juventude brasileira, tanto quanto não foi abatida no primeiro semestre de 1962, quando a fachada da UNE no Rio de Janeiro foi metralhada por um grupo fascista que arrebatou as vidraças e deixou a sua fachada pintada com os dizeres "Abaixo a canalha comunista",

quanto também em 1964, época em que os estudantes secundaristas, por meio da União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES), empenharam-se em inúmeras lutas, entre as quais a luta em defesa da escola pública, e se naquele período tínhamos pouco mais de 100 mil universitários, havia 1 milhão de secundaristas em todo o País. E foi essa a juventude brasileira que realizou este ano a Iª Conferência Nacional de Política Pública de Juventude”, Naomar, convocada pelo presidente Lula, e foi a Bahia que, sem dúvida, deu uma demonstração de protagonismo juvenil e de muita ousadia. A Bahia foi o Estado onde realizamos mais conferências, inclusive com a participação do governo do Estado e da Universidade Federal da Bahia. Realizamos mais conferências territoriais, municipais e conferências livres.

Exatamente por isso, Tarso, a Bahia foi a segunda maior delegação na conferência nacional, mostrando assim a capacidade da juventude partidária. E não posso deixar de citar aqui o PT e o PCdoB. Gostaria de citar outros, até porque, como Javier dizia são o antigo MDB e o atual. Gostaria muito de que o protagonismo da juventude política partidária fosse muito mais atuante na perspectiva da verdadeira revolução neste País, mas não só a juventude partidária, a juventude indígena, dos movimentos culturais e dos movimentos artísticos e sociais de um modo geral, a juventude das pastorais de juventude, dos terreiros, dos centros espíritas e de igrejas evangélicas se fizeram presentes, efetivando o importante capítulo da política de juventude baiana.

(Lê) “Já em 1960, os estudantes baianos iniciam uma greve contra o reitor Edgar Santos, que se mantinha à frente da Universidade há 15 anos. Greve que terminou atingindo outros Estados e trouxe à tona o amplo debate sobre a situação da universidade brasileira. A UNE organizou então em Salvador entre 20 e 27 de maio de 1961, o I Seminário Nacional de Reforma Universitária, do qual resultou 'Declaração da Bahia', documento em que, pela primeira vez, os estudantes formulam uma opinião sistemática sobre a situação da universidade no País. Não por ironia do destino, mas, pelo sangue quente da Bahia de revoltas, rebeliões e revoluções.”

Estamos aqui celebrando a UNE, que doou generosamente seus pares de peito e coração abertos, tantos deles, como disse, ainda desaparecidos e tantos ainda vivendo a esperança de na esquina seguinte encontrar seus familiares, amigos e companheiros. Tantos, felizmente, ainda sobreviventes dessa luta que hoje, Naomar, na Reitoria da Universidade Federal da Bahia, nas Assembleias Legislativas, nas Câmaras de Vereadores, no Parlamento de um modo geral, nos movimentos sociais, na luta tão contemporânea e planetária dos direitos humanos, se fazem presentes numa ação tão importante, sobretudo para nós brasileiros e brasileiras.

Estamos aqui celebrando a UNE que, com essa doação, se caracteriza como instrumento importante na construção e efetivação do fortalecimento da democracia brasileira.

A UNE é exatamente essa fênix que, como arauto de um novo tempo, caminhando sobre as flores dos túmulos dos seus heróis, teve integridade para reconstruir-se e escolheu exatamente a nossa cidade, a combativa Salvador, para sediar, 30 anos atrás, o seu congresso de reconstrução.

A UNE, portanto, tem muito a nos ensinar sobre a democracia e o Brasil. Trata-se de uma anciã da longa história dos movimentos sociais e brasileiros com os seus 70

anos. Durante muito tempo a UNE foi uma expressão da juventude brasileira que sonhava em construir a verdadeira democracia no Brasil. A juventude que nunca se furtou a fazer um debate sobre a importância da educação para a realização deste País democrático.

A UNE, desde o início da sua existência, teve grande importância não só para o nosso País, o Brasil, mas também para toda a América Latina. A experiência de representar toda a categoria dos estudantes da Nação é única em nosso continente.

Uma das palavras que mais simboliza a luta da UNE em toda essa década da história, sem dúvida, é a união.

Eu fiquei preocupado, Javier Alfaya, quando você iniciou com aquela importante foto de dois jovens se abraçando, em ficar relatando o nome de todos, pois poderia comprometer alguns que permanecem tendo a coragem de amar livremente numa sociedade que, infelizmente, ainda tem o machismo tão presente.

Quero neste momento dizer que é preciso, sim, que a UNE cada vez mais se posicione sobre tudo, assim como o DCE da UFBA hoje tem a coragem de se posicionar diante da suprema corte da Justiça brasileira quando diz não à demarcação das terras indígenas também aqui na Bahia.

Portanto, é importante que os estudantes, a universidade, os DCEs, os grêmios, enfim, todas as organizações da juventude, sobretudo a UNE, tenham posições e opiniões sobre todos os problemas da sociedade brasileira.

E é por isso que a palavra de ordem mais escrita, mais reproduzida e principalmente mais gritada pelas gargantas dos nossos estudantes brasileiros é aquela que evoca a legitimidade e a representatividade duma entidade que sempre foi e ainda é a voz de milhares e milhares de jovens.

Por isso, faço questão de encerrar este pronunciamento dizendo em alto e muito bom som: “A UNE somos nós, nossa força e nossa voz! A UNE somos nós, nossa força e nossa voz!” (Palmas!)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Javier Alfaya):- Obrigado ao companheiro Yulo.

É fundamental a presença aqui entre nós do nosso companheiro presidente do Conselho Estadual da Juventude, Juremar Oliveira. (Palmas!) Preside uma das estruturas recentes em favor da juventude que o nosso governo Wagner construiu há pouco.

Chamo também para a Mesa o nosso representante dos secundaristas, Walmir Santos, presidente da ABES, Associação Baiana dos Estudantes Secundaristas. (Palmas!)

Registro, com muita satisfação, a presença de algumas representações e pessoas que tiveram grande importância no processo da reconstrução.

Aqui, conosco, a poetisa Ametista Nunes, que ajudou muito desde aquela época e fez parte do Movimento Poetas na Praça. (Palmas!)

Está conosco, desde cedo, a juventude do MST. Muito obrigado pela sua presença. E também a União da Juventude Socialista, UJS, a juventude do Partido dos Trabalhadores, a juventude do PT e o professor João Augusto, diretor acadêmico da APUB (Palmas!)

Citarei duas pessoas importantíssimas que na época ajudaram muito no Comitê pela Anistia Ampla, Geral e Irrestrita, já mencionado aqui, e que, hoje, continuam na luta no Comitê contra a Tortura – uma das áreas que Yulo sempre acompanha e que tem grande repercussão na Assembleia, a saber: o professor Joviniano Neto, que, na época, dirigia o Comitê Brasileiro pela Anistia, e, hoje, é diretor do Centro de Estudos e Ação Social, e a companheira Ana Guedes, que também integra, hoje, Comitê contra a Tortura.

Conosco também está o ex-deputado estadual e ex-vice-presidente do DCE da Universidade Federal da Bahia Vandilson Costa, que fez parte da Comissão da Reconstrução da UNE.

Daqui da Mesa, vejo Julieta Palmeira, militante da Faculdade Baiana de Medicina; Milton Barbosa de Almeida Filho, da CIVUB-Confederação Interiorana de Vestibulandos e Universitários do Interior da Bahia, entidade que articulava as casas e residências estudantis do interior em Salvador e que já não existe mais; e Jorge Wilton, que era líder da Escola de Economia e Contabilidade da UFBA, do diretório de contábeis. Agradeço a presença de todos.

Temos ainda presentes Tânia Lessa, que também foi do movimento estudantil e hoje é diretora operacional das Voluntárias Sociais da Bahia; Ana Brasil, representante do novo DCE da Unime, de Lauro de Freitas; a Associação Cultural Origem e Matriz Africana- ACOMA; Heraldo Júnior, professor da UFBA; Márcio Carvalho, representando o CAFIL, um dos Centros Acadêmicos da Católica; Gisélia, que está aqui na Mesa; Julieta Palmeira, a qual já citei; os companheiros do MST; Dirceu Martins, diretor do Instituto de Química, que foi quem apresentou aqui o crachá de delegado da UNE.

Quero agradecer também à prefeitura de Gandu, que mandou dois representantes do Departamento de Juventude da prefeitura e foi a única que fez isso. São eles, Adriano, assessor da prefeita Irismar Souza, e Nelson Santos.

Presente também a União Brasileira de Mulheres – UBM, e o professor Albino Rubim, ex-diretor da Faculdade de Comunicação e atual presidente do Conselho Estadual de Cultura. Posteriormente, registraremos a presenças de outras entidades e organizações.

Passo a presidência como também uma pasta com as mensagens que chegaram de ex-presidentes e de outros dirigentes da UNE ao deputado Yulo Oiticica..

O Sr. PRESIDENTE (Yulo Oiticica):- Convido, para fazer uso da palavra, o também proponente desta sessão especial, o nobre deputado pelo PCdoB Javier Alfaya. (Palmas.)

O Sr. JAVIER ALFAYA:- Minha saudação ao presidente Yulo Oiticica, que tem sido um dos grandes batalhadores em favor da juventude na Bahia, fazendo essa dobradinha com meu mandato, o que muito me orgulha. Ele é o presidente da Frente Parlamentar em Defesa da Juventude, da qual sou o vice-presidente, e na Casa temos sido responsáveis por um compromisso mais frequente, mais agudo com a luta da juventude do nosso Estado e do Brasil. Minha saudação, pois, a esta representativa e grande Mesa, de cujos componente, infelizmente, não poderei citar todos os nomes, mas deixo um grande abraço a todos, em especial ao primeiro-presidente depois da reconstrução, um dos grandes dirigentes daquele processo, querido amigo de longas

datas, companheiro de luta, um dos grandes educadores do nosso Estado e responsável pela formação de alguns jovens que estão aqui, na sua escola de vanguarda na Federação, a Casa Via Magia, o companheiro Ruy Cezar Costa Silva, a quem deixo um grande abraço por tudo que representa para nossa geração.

Na Mesa, temos também um delegado, o ex-presidente do PT na Bahia, que foi delegado no congresso de reconstrução da UNE, companheiro Marcelino Galo, estudante de Agronomia, em Cruz das Almas, e esteve lá com o seu crachá também no congresso de reconstrução.

Aqui temos a presença da juventude do MST, de outros jovens que participam de outros movimentos além do universitário e secundarista, temos as presenças de companheiros que já citei aqui, dos dirigentes do DCE da UFBa, eu também fui dirigente e secretário-geral deste DCE, que foi, na verdade, a grande entidade coordenadora da parte estudantil da reconstrução da UNE, era o grande baluarte do movimento estudantil juntamente com os DCEs da USP, da UFRJ e da UNIMEP de Piracicaba, que eram os 4 grandes DCEs que comandavam e coordenavam o processo. Não foi a toa que a Bahia foi escolhida pela força que o DCE da UFBa tinha, juntamente com o DCE da Católica.

Vamos ter outros oradores. Eu queria apenas registrar a minha emoção profunda quando, em primeiro lugar, eu e Yulo Oiticica decidimos também num congresso da UNE fazer, prezado amigo e companheiro Reitor Naomar Almeida, esta sessão. Nós nos encontramos na sessão de abertura do Congresso da UNE, com a presença de 8 ministros, do presidente Lula, que era ao mesmo tempo abertura do Primeiro Encontro Nacional dos Jovens do ProUne.

Então, pela primeira vez a UNE iniciava o seu congresso com um público novo na universidade brasileira, que são os trabalhadores que, graças a um projeto do atual presidente do nosso governo, da atual política educacional do País, podem estudar ao lado de outros colegas vindos de outros setores da sociedade, podem frequentar um banco escolar da universidade.

Combinamos fazer esta sessão, ele tinha tomado a iniciativa e eu também, e já tinha definido a data, e fizemos este encontro. Para mim é muito significativo esta realização,

embora com um número mediano de pessoas, queríamos que tivesse mais gente, certamente com grande repercussão, porque o congresso da UNE é muito significativo na história de muitos que estão aqui presentes e é muito importante para o processo de democratização do País.

No texto que enviei pela *Internet* convidando as pessoas, eu citava que dois grandes movimentos foram responsáveis por quebrar a dureza da ditadura militar entre 78 e 79: um foi o movimento operário do ABC paulista, inicialmente, e depois em todo o Brasil, com a reconstrução do movimento sindical operário especialmente, com o surgimento de grandes lideranças, inclusive do atual presidente da República Luís Inácio Lula da Silva. Foi o movimento certinho, que vinha antes do movimento operário, do início da década de 70, quando nos sindicatos o que havia era a intervenção do Ministério do Trabalho, tínhamos a resistência e a ação do movimento estudantil universitário, ainda não dos secundaristas, mas logo depois os secundaristas entraram

em cena também. Foi muito fortemente o movimento estudantil, que acabou sendo o único movimento, de fato, de massas em escala nacional que conseguiu resistir e fazer a luta contra a ditadura militar.

Outras organizações nacionais também o fizeram: a OAB e ABI travavam as suas lutas, mas a única que conseguia expressar e era a representação de um movimento que ia às ruas, que ocupava as praças, que se manifestava nas universidades, que articulava, que saía dos seus ambientes originais, era certamente, sem a menor sombra de dúvida, sem nenhuma possibilidade de erro de avaliação histórica, o movimento estudantil universitário.

Então, esse movimento do início dos anos 70 até o final desta mesma década foi decisivo para quebrar a agressividade da ditadura militar e preparar esse Brasil que logot depois se reorganiza democraticamente, já em meados da década de 80. E o episódio mais marcante nessa luta, nessa trajetória da resistência à vitória com a democratização, com a eleição primeira de Tancredo Neves, que culmina essa trajetória é justamente o do Congresso de Reconstrução da UNE em Salvador, que foi precedida de quatro outros grandes eventos que nós não comentamos aqui, Rui, que foram também muito importantes, que foram os Enes, os quatro Encontros Nacionais de Estudantes, sendo que um deles acabou com a prisão de quase 700 estudantes pelo ex-coronel, ex-deputado federal e ex-secretário da Segurança Pública Erasmo Dias, que prendeu 680 estudantes lá na PUC, na Rua Monte Alegre, em São Paulo, você estava lá.

O que nós combinamos foi o seguinte: Rui ia, e eu ficava. Eu era secretário-geral do DCE, o Rui era o presidente do DCE, e nós combinamos de uma parte da diretoria ficar e a outra ir para a estrada, porque a gente acha que vai ser preso no meio do caminho, então tem que segurar o DCE da UFBA aqui em Salvador. Então, Rui foi para São Paulo e acabou vivenciando aquela repressão promovida pelo que foi depois deputado federal, por um partido conservador, lá por São Paulo.

E Erasmo Dias disse aquela frase famosa quando alguém da imprensa o questionou, e ele na frente, quem conhece a PUC de São Paulo, a entrada é uma rampa, e ele, no alto da rampa, disse assim: “Esteja todo mundo preso!” E aí, de fato, todo mundo saiu preso, direto para os camburões, e naquele episódio se cometeu uma agressão muito cruel, que foi a utilização de uma arma que a gente não conhecia, que era uma espécie de uma bomba de gás que não era o lacrimogênio, mas era uma bomba que tinha fósforo e queimava muito a pele das pessoas.

Então, 680 pessoas foram presas e duas companheiras, meninas, saíram para o hospital por causa das queimaduras no corpo. Então, esse congresso que nós vimos aqui, da reconstrução, foi precedido de outros encontros que não eram congressos, mas que foram muito importantes. Um na USP, o outro em Belo Horizonte, e esse na PUC de São Paulo e depois aqui na Bahia.

Bom, isso é um pouquinho da história para mostrar às novas gerações como era difícil, mas como havia muita vontade, alegria e dedicação à causa da universidade pública, do acesso universal à educação por parte da juventude e, principalmente, muita dedicação à luta pelo fim da ditadura militar, pelas liberdades democráticas, pela reconstrução dos movimentos sociais, pela reconstrução do movimento estudantil.

E, nesse percurso todo, nós perdemos gente, nós perdemos companheiros e

companheiras. Perdemos Alexandre Vanucchi Leme, que dá o nome ao DCE da USP e que também foi assassinado em 1972, e perdemos o Honestino Guimarães, estudante de Geologia da Universidade de Brasília, que foi preso na UnB pelo Cenimar, que era o órgão de informação da Marinha e que até hoje faz parte da lista dos desaparecidos do País.

Quando eu fui diretor de cultura da UNE e o Aldo era o presidente, chegamos a receber uma informação, que depois se revelou falsa, de uma possível localização do corpo de Honestino num dos cemitérios do Distrito Federal, mas até agora Honestino continua sem ser encontrado.

Então, a eles dois, ao lado de outros tantos que faleceram por causa da perseguição política, da tortura, do assassinato direto, por parte dos órgãos de repressão, a eles, a nossa homenagem, nossa manifestação de reconhecimento, porque sem a dedicação deles, sem o sacrifício deles, certamente, muito do que nós fazemos hoje, democraticamente, no País, não seria possível.

Esse congresso da reconstrução é uma das coisas mais bonitas da história contemporânea brasileira. Foi uma grande festa democrática e também de libertação da juventude, porque essa geração que iniciou a luta em meados de 70 conseguiu misturar uma coisa sobre a qual eu e Rui conversamos muito, que é a trajetória da luta democrática, a trajetória em defesa do Brasil, porque a UNE fez a campanha “O petróleo é nosso”, a UNE assumiu várias campanhas de caráter nacionalista, nas décadas de 40, 50. Nos seus projetos de reforma do Brasil, as reformas de base, na década de 60, quando Aldo Arantes foi presidente da UNE e fez a famosa greve de 1/3, a greve de 3 meses que a UNE promoveu em 62.

Na época do CPC da UNE, com a formação de gente como o Glauber Rocha, que foi do CPC, como o Capinan, que foi presidente do CPC aqui na Bahia, como Cacá Diegues, que fez o primeiro filme da UNE, chamado “Cinco Vezes Favela”. Não sei se vocês viram no noticiário, o Cacá Diegues anunciou há duas semanas que vai refazer o filme “Cinco Vezes Favela”, que foi financiado pela UNE.

Quem também passou pelo CPC da UNE foi Tarcísio Meira, que todo mundo conhece, Glória Menezes, Marco Nanini, Paulo José, Dina Sfat, Augusto Boal. Então, a UNE foi uma grande universidade de revolucionários, de artistas, de pensadores. Carlos Estevão Martins, por exemplo, que certamente Albino conhece, um dos grandes pensadores da cultura brasileira, professor da Unicamp, foi quem escreveu o manifesto do CPC.

Então, muita gente que hoje labuta e milita na intelectualidade brasileira, nas universidades, na luta política, se formou nessa grande escola, nessa grande universidade que foi e é a UNE. Eu sempre digo que o movimento estudantil é o nosso segundo curso. Temos o curso acadêmico – Arquitetura, Direito, Medicina, Comunicação, etc. – e o curso de cidadania, de luta, no qual se aprende a ser combatente de causas justas, que é o movimento estudantil.

A UNE é essa grande universidade de formação de combatentes das causas do povo brasileiro, da juventude brasileira. Acho até que da juventude mundial. Não sei se todos sabem, mas a UNE é, provavelmente, como entidade autônoma, a maior organização universitária do mundo. Porque a juventude dos países socialistas, como é o caso da de Cuba e da China, é vinculada aos partidos que estão na direção do Estado.

Então não há uma organização unitária e autônoma em relação ao Estado que tenha a dimensão da UNE.

Na França existem três centrais estudantis; na Argentina três ou cinco; na Venezuela também. Poucos países possuem essa marca da unicidade que tem o movimento universitário brasileiro. Isso se deve muito a essas forças políticas que estão hoje aqui representadas, que sempre foram contra as tentativas – tanto da ditadura quanto de segmentos equivocados do próprio movimento estudantil – de dividir, de rachar a UNE e a UBES, preservando a sua unicidade.

Então, a UNE, ao lado da OAB, da ABI, como disse aqui Yulo Oiticica, é uma senhora de 70 anos. Mas é uma senhora jovem, em forma – deve malhar todo dia e não usa botox –, que está firme e forte na luta da juventude brasileira, que faz parte da teia de organizações vivas e atuantes. Tem 70 anos, mas não está em decadência.

Ao lado da ABI, da OAB, da Contag, e, mais recentemente, da CUT e da CTB, do MST, que é mais novo, são as grandes organizações sociais do nosso País. Então, a UNE faz parte daquelas que têm mais de 50 anos, mas estão vivas e são representativas e atuantes. Por isso, é um orgulho para mim ter sido diretor de cultura e, depois, presidente da União Nacional dos Estudantes.

Encerro dizendo que aposto muito no movimento estudantil universitário e secundarista. E sempre que sou entrevistado, na condição de ex-presidente, ouço abordagem que me irritam um pouquinho, porque há uma tendência de se querer comparar artificialmente décadas e momentos históricos muito diferentes. Vez por outra, alguém chega para mim e diz que o movimento estudantil não é mais aquele de 68. Eu digo que ainda bem que não é mais o mesmo de 68. Não é mais o mesmo da greve de Aldo Arantes. Não há como ser mais o movimento estudantil de 62, quando a universidade brasileira tinha 280 mil estudantes. Hoje, são quase 6 milhões de universitários no País.

Não tem como ser o mesmo movimento estudantil de 62, quando a UNE era composta, praticamente, por alguns poucos estados do Nordeste e, basicamente, pelo Rio de Janeiro, que era onde boa parte dos nordestinos estudava. Tanto é que a UNE foi fundada na CEU, que é a Casa do Estudante Universitário, que fica na Praia do Botafogo e existe até hoje.

Então, temos um outro volume de estudantes e um outro tipo de universidade. Hoje, a presença da universidade privada é hegemônica, o que influencia muito o movimento estudantil. Enfim, cada época tem o seu movimento.

Acho que geração de Ruy César, que é a mesma minha, trouxe a história dessas gerações anteriores muito politizadas, muito avançadas que assumiram causas específicas e causas gerais, que contribuíram no início de 60 com a formação dessa intelectualidade e artistas, parte deles que ainda está hoje muito atuante, e nós incorporamos na década de 70 a irreverência e a preocupação, por exemplo, com temas que hoje são tidos como absolutamente óbvios em qualquer pauta, mas na época não eram. Nós assumimos a causa, por exemplo, da Amazônia e incorporamos na pauta do movimento estudantil a luta ambiental, quando falar de movimento ambientalista era algo completamente estranho; defendíamos a liberdade sexual, Yulo fez uma referência aí, quer dizer, pelo comportamento do movimento estudantil, pelas festas que fazíamos, houve uma quebra de padrões e de preconceitos, a juventude universitária dos meados

de 70 incorporou com força certas bandeiras que hoje estão aí no dia a dia e que são alimento de muitos movimentos sociais.

Então fomos uma geração que também foi libertária, no que diz respeito ao comportamento e à manifestação mais existencial da juventude ao lado do abraçar da luta política, da militância, da dedicação, etc. Então, essa é a UNE de 79 e a UNE de agora. Fico muito feliz em estarmos realizando esta comemoração dos 30 anos, e gostaria muito que todos nós fizéssemos um grande mutirão para reproduzir, para falar que houve isso aqui, que a gente possa fazer outros registros, outras manifestações. Sei que a Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul fez, talvez o mais importante desses registros, com 200 ex-presidentes, dirigentes da UNE, para lá foram Aldo Rebelo, Marcelo Barbieri, que foi um importante dirigente estudantil, hoje é prefeito de Araraquara pelo PMDB; lá estiveram presentes outros tantos dirigentes que hoje são de diversos partidos políticos e que estão na luta, cada um pelo seu caminho, pelo seu partido, com a sua bandeira, mas estão na luta.

Lembro-me de que uma vez encontrei Jean Marc, que sucedeu José Serra na presidência da UNE, e eu perguntei: – Jean Marc, o que você está fazendo? Ele respondeu:– Rapaz, estou fazendo agricultura orgânica, plantando tomate sem agrotóxico, lá em Petrópolis, no Rio. Eu sou ligado à ABONG – Associação Brasileira das ONGs –, mas faço parte mesmo é do movimento ambientalista na luta contra os transgênicos, essa é a minha bandeira.

Então tem alguém que está na luta contra os transgênicos, que está defendendo a agricultura orgânica, que aprendeu a se interessar por essa causa no movimento estudantil na década de 60. Desde Jean Marc, que está lá defendendo a agricultura orgânica contra veneno e pesticidas, até Aldo Rebelo que foi presidente da Câmara dos Deputados, primeiro presidente comunista da Câmara, passando por outros tantos militantes do PT e dirigentes de vários partidos; Cândido Vaccarezza, que é o Líder do PT na Câmara Federal, que foi da construção da UNE, todo mundo faz o que faz porque passou pela sede, passou pelo movimento e passou pela União Nacional dos Estudantes.

Por essa razão, o nosso viva e o nosso salve eterno para a nossa gloriosa, como diz a música, União Nacional dos Estudantes.

Muito obrigado.

(Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Yulo Oiticica):- Muito obrigado, deputado Javier Alfaya.

Antes de conceder a palavra ao nosso companheiro Ademário Costa, ex-vice-presidente da Une, 1º Diretor de Combate ao Racismo da UNE e atual vice-presidente do PT no Estado da Bahia, gostaria de saudar o nosso companheiro Éden Valadares, que é também ex-diretor da UNE, atual coordenador de políticas públicas para a juventude da Secretaria de Relações Institucionais do Estado da Bahia; saudar também Vladimir Meira Nunes, da UNE -Bahia; Leone Ricardo, ex-presidente do DCE da Universidade Federal; Antônio Albino, presidente do Conselho Estadual de Cultura, e Gilcimar Brito, presidente da AGES, lembrando que a AGES está no processo de construção também do seu II Congresso que acontecerá dia 25 de setembro.

Companheiro Ademário.

O Sr. ADEMÁRIO COSTA:- Bom-dia!

Em primeiro lugar, quero me confraternizar com a Mesa em nome do presidente Yulo Oiticica, mas também do companheiro Rui, 1º presidente da reconstrução da UNE, dizer que falar após Javier, com certeza, não é uma coisa fácil e tranquila, Javier que também é um dos nossos mitos do movimento estudantil, que passou por essa escola de construção, nós sabemos o que é ser dirigente de centro acadêmico, o que é ser dirigente do DCE da UFBA, o que é ser diretor da UNE e como essas questões todas ficam marcadas nas nossas vidas, marcam para sempre e nos tornam as pessoas que somos.

Esta é uma discussão sobre os 30 anos da reconstrução da nossa entidade aqui na Bahia, que depois da reconstrução tivemos o companheiro Ruy que foi presidente da UNE, Clara, que foi diretora do DA de Ciências Sociais da UFBA, do DCE da UFBA e depois presidente da UNE; depois Javier Alfaya. Aqui também da Bahia nós construímos, falo nós porque o movimento estudantil ainda está... Orlando, inclusive, foi diretor do DCE da Universidade Católica do Salvador em uma chapa conjunta em que a juventude do PT era majoritária. Então essa chapa do PT com o PCdoB que elege Orlando para diretor do DCE da UCSAL, depois diretor de comunicação da UNE, depois o primeiro presidente negro da história da União Nacional dos Estudantes.

Tive a honra de ter sido o primeiro diretor de combate ao racismo dessa entidade quando criamos esse cargo e discutíamos se ia ser políticas antirracistas ou diretoria de combate ao racismo. Mesmo sem congresso fizemos um acordo de forças na sede da UNE em São Paulo e decidimos colocar esse nome de combate ao racismo. A primeira tarefa dessa diretoria foi organizar junto a um conjunto de entidades do movimento negro e do movimento indígena, o *“projeto Brasil outros quinhentos”*. Ação importante em que nós juntamente com o MST, com as entidades do movimento negro e com os índios conseguimos protagonizar a importante resistência do povo brasileiro à tentativa de fantasiar a história que o então governo FHC patrocinava.

Quero dizer também que onde tem vice-presidente da UNE aqui na Bahia tem a ver com o momento e a história que o Estado passava. E falar para Javier e Yulo não é qualquer coisa, porque Yulo e Javier são os dois deputados estaduais mais combativos na defesa dos direitos da juventude aqui na Assembleia, que são do PT e do PCdoB, de estarem organizando esta importante sessão, porque estamos fazendo esta sessão num momento novo para o movimento social brasileiro, são apenas seis anos de governo federal, apenas dois anos e meio do governo do Estado, em que temos um governo no qual os petistas, os companheiros do PCdoB, a esquerda, outros partidos se juntam para construir pela primeira vez na história do Brasil uma história de governo de lutas e governo de esquerda. E ao mesmo tempo enfrentamos uma onda de divisionismo, de rachas, de desestabilização nos movimentos sociais. Já racharam a CUT, a Conem, a Fasubra, estão tentando rachar a Andes, mas a UNE não. A UNE, corajosamente, e aí quero saudar os companheiros e companheiras aqui presentes, nos mantemos de forma unitária e unificada na construção da entidade única e máxima do movimento estudantil brasileiro.

Eu não sou mais estudante, mas é muito difícil falar sobre a UNE sem falar como estudante, porque em todo lugar que vamos, toda a construção que fazemos, nos

reconhecem. Nos reconhecemos quando conversamos com deputados, nos discursos que Marcelino faz como presidente do PT, agora como superintendente da Pesca, quando conversamos com os colegas que hoje ocupam lugares no Ministério, quando encontramos Orlando, quando encontramos Cappelli, o Padilha, todo esse povo aí que foi do ME, é como se olhássemos um no olho do outro e soubéssemos que somos estudantes. Porque essa coisa de ter sido estudante, de ter sido militante, de fazer uma passeata, de falar em carro de som, de fazer mobilizações, de fazer greve, de parar aulas, de enfrentar a polícia, de lutar em defesa da universidade, é o tipo de coisa que nos emociona a todo o momento, todo o tempo. Em qualquer lugar que a gente milite, seja na defesa da agricultura orgânica, seja na direção partidária, não importa onde estejamos. Se alguém nos perguntar, Éden, quem são vocês? Nós responderemos seguramente: somos estudantes. Essa era a primeira coisa que queria dizer.

Quero falar também que essa trajetória de construção, de luta que foi aqui apresentada por Yulo e por Javier, dessas décadas que foram construídas, da geração de 70, 80, fez lembrar da minha geração. A minha geração foi da década de 90. Eu fui diretor da UNE de combate ao racismo de 1999 a 2001, e vice-presidente em 2001 a 2003. Nessa década, ainda sentíamos o peso do que foi 1989, a queda do muro de Berlim, do que foi a dissolução do bloco soviético, do fim da queda dos paradigmas, a busca pelas novas utopias... Era o momento em que as pessoas diziam que existia uma dificuldade muito grande de organizar a luta dos movimentos sociais. Mas, no meio disso tudo, em 1992, a UNE vai às ruas e, pela primeira vez na história deste País, derrubamos um presidente. Em 1992, a UNE organiza, de forma corajosa, brilhante, combativa, o “Fora Collor” e se coloca novamente como a grande representante dos anseios da juventude brasileira. E, naquele momento, a UNE não representou apenas a juventude brasileira. A UNE representava na sua bandeira, na figura de Lidemberg os anseios da população de todo o País. Então, a UNE, já naquele momento, em 1992, no meio dessa onda neoliberal, já estava na rua para dizer que com a juventude a coisa seria diferente.

A UNE não para por aí. Ainda na década de 1998, mesmo no meio de uma crise grande dentro da sua diretoria, a UNE organiza uma grande greve nacional de estudantes das universidades federais, justamente para quê? Para recolocar na pauta a necessidade de resistir ao desmonte da universidade brasileira. Não podemos esquecer que foi justamente na década de 90 que o governo federal, patrocinado por ministros como Chiarelli, Paulo Renato, presidente como FHC, tentou dismantelar não só o que era o Estado brasileiro e, principalmente, tentou golpear de morte o ensino superior público, e não conseguiu. Não conseguiu porque a resistência organizada estudantil foi fundamental, e mais uma vez convocada a UNE para garantir que a universidade brasileira não fosse privatizada. E não para por aí.

Não podemos esquecer também a importância dos estudantes no desgaste fundamental do antigo ministro da Educação. Lembramos que Paulo Renato foi declarado, numa brilhante reunião da diretoria da UNE, o inimigo nº 1 dos estudantes. Não só isso. A UNE puxa, em 2001, a última grande greve nacional dos estudantes das universidades federais, vai “pra cima” do Paulo Renato, “pra cima” do Fernando Henrique. A UNE “mete o pé na porta” do Ministério da Fazenda, do Ministério da Ciência e Tecnologia, e patrocina, durante três meses, um grande acampamento na

Esplanada dos Ministérios – aqui tem gente como Daniele que também foi formada nessa geração e participou dessa greve; Camila, Flávia, gente que estou vendo aqui que acampou na Esplanada, e durante três longos meses impõe ao governo federal o horror de ver estudantes todo dia, ocupa ministério, tenta ocupar outro ministério, ocupa a Câmara dos Deputados, para a Esplanada, para Brasília, provoca engarrafamentos, até que, ao final, nós entramos no ano de 2002 numa situação tão favorável, do ponto de vista do acúmulo histórico do ME, que a UNE se coloca, novamente, na defesa da reforma universitária. Porque hoje o debate que existe da reforma universitária e o fato de a UNE ter apresentado no seu último Coneb e Congresso, um projeto de reforma universitária como importante... Mas não podemos esquecer que esse governo começa e no seu começo ele se depara, logo de início, com a proposta da UNE de recolocar no centro da discussão a reforma universitária, reivindicando justamente a história do seminário, do Coneb e da greve de um terço como importante baluarte da UNE.

Para terminar quero dizer o seguinte para vocês: a UNE é assim, ela é unitária mas não é estática. Se ela já incorporou, na época de vocês, a questão ambientalista, a UNE hoje é a UNE LGBT, a UNE é a UNE que organiza os encontros nacionais dos estudantes negros, a UNE é a UNE que organiza os encontros nacionais de mulheres do movimento estudantil, é a UNE que tem todas as cores... Eu participei, no momento que se debatia que cor podia colocar-se na bandeira. E, aí, quando fui convidado para fazer um debate no Coneb da UNE, aqui em Salvador, eu cheguei lá e tinha preto, vermelho, arco-íris, um monte de cor na bandeira da identidade. Então, a UNE é essa coisa plástica, não é uma entidade estática. Olha só: uma entidade que defende a legalização do aborto, que defende a descriminalização da maconha, que defende a democratização dos meios de comunicação, uma entidade que também defende ao mesmo tempo a estatização do sistema financeiro... Não tem jeito. É uma coisa que não segura, que não está parada. É coisa que não se coloca debaixo do braço e leva. Pelo contrário, a UNE é levada, construída, pensada e existe no coração, na mão, na vontade de qualquer estudante deste País que queira construí-la, porque ela é assim mesmo, como diz Yulo: generosa, grandiosa, combativa, legal mesmo, muito boa e de massa. É uma entidade, gente, que basta ter vontade, querer, que ela se constrói junto com a vida, o amor e o carinho de cada um de nós.

Quero terminar dizendo o seguinte: não dá, com certeza, para imaginar o movimento estudantil ou uma entidade se ficarem separados entre quem defende os avanços do governo Lula e quem é contra eles. A UNE é muito maior do que isso, ela não se resume a vitórias e derrotas de nenhum governo, porque quem pode patrocinar, alavancar, garantir a mola propulsora de qualquer mudança política, de qualquer lei, somo nós! Ou seja, a UNE, a Const, a CUT, a Contag, é a estudantada, organizada, mobilizada, na rua, levantando as suas bandeiras, dizendo aos companheiros, aqui no Parlamento, que vamos quebrar qualquer protocolo que seja necessário ser quebrado; aos companheiros do governo que vamos lutar por qualquer verba que seja necessária, porque o esquema do protocolo, da organização da Procuradoria-Geral, interno, burocrático, parado e engessado, não é o esquema do movimento estudantil, cujo esquema é outro, ou seja, o da cultura, da arte, da luta, da rua, é da massa, da mobilização, da irreverência, da rebeldia, da quebra de qualquer paradigma, seja sexual, seja social, não importa, pois o que importa é o seguinte: não tenho dúvida de

que, enquanto houver estudantes de uma universidade brasileira, um companheiro ou uma companheira na rua, mobilizado ou mobilizada, com vontade de lutar, vamos trilhar a bandeira, as cores, a importância e a insígnia da União Nacional dos Estudantes.

Então queria dizer aqui, de forma apaixonada e emocionada, que, com certeza, a UNE somos nós, nossa força e nossa voz! Se, um dia, em qualquer lugar que vocês estejam, alguém lhes perguntar: “Quem são vocês???” Respondam-lhe: “Sou estudante”!

Um abraço, galera, e obrigado.

(Palmas, muitas palmas!)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Yulo Oiticica):- Obrigado, Ademário.

Gostaria de convidar o coordenador-geral do Diretório Central dos Estudantes da UFBA, o nosso companheiro Eduardo Ribeiro.

Antes, queria registrar a presença dos estudantes da FTC Gandu e Salvador, da UNEB, da UCSal, do Colégio Estadual Professor Felipe Busket, da assessoria das Voluntárias Sociais, do Centro Acadêmico de Humanidade, do Centro Acadêmico da Universo, da UBES, do companheiro do MST, da ABES, da assessoria do deputado Zezéu Ribeiro, de Altamira Neves, gerente do Banco do Brasil, da secretaria cultural da AGEs, da assessoria da Secretaria de Desenvolvimento Social e Combate à Pobreza, da companheira Renata Rossi, secretária de formação do Partido dos Trabalhadores, de Elias Eduardo, chefe de gabinete da Cetre.

O Sr. EDUARDO RIBEIRO:- Bom-dia a todos e a todas!

Estava falando com Tasso e Vladimir que fica difícil falar depois do pronunciamento de Ademário. Mas queria cumprimentar a Mesa, na pessoa do presidente, do deputado Yulo Oiticica, do companheiro Javier Alfaya.

É bom dizer que, com certeza, a memória da luta social no País, a luta pela democracia, pela transformação social reserva um espaço privilegiado ao movimento estudantil, à juventude organizada dentro da União Nacional dos Estudantes. Temos hoje um espaço para que a gente lembre o Congresso de Reconstrução de 1979. Trinta anos depois desse importante espaço da luta estudantil brasileira nesta Casa, nos faz também refletir sobre o papel da juventude brasileira hoje, do papel da União Nacional dos Estudantes e se avançamos e quais foram os espaços construídos esse período.

A UNE-União Nacional dos Estudantes chega ao seu LI Congresso lembrando que há 50 anos construiu o debate em defesa do petróleo, na campanha O Petróleo é Nosso, e hoje leva 10.000 estudantes às ruas de Brasília para, mais uma vez, defender os interesses nacionais, a Petrobras, o estabelecimento de novo marco regulatório para a exploração do pré-sal.

A União Nacional dos Estudantes é um instrumento singular da luta social no Brasil. Por diversos momento tivemos a direita dentro da UNE, os socialistas, os comunistas dirigiram a entidade. E hoje a entidade nacional dos estudantes tem um papel de apresentar, disputar e construir a reforma das universidades brasileiras. Foi isso que fez num congresso vitorioso que aconteceu i em Salvador, conselho nacional de cidades-base.

Daqui para a frente temos que entender que a juventude tem inúmeras demandas, inúmeras dificuldades. Ainda somos apenas 12% da juventude dentro das universidades brasileiras, e esse processo tem sido vitorioso, temos conseguido avanço na política educacional do governo Lula. Nossas lutas não devem estancar, não deve tirar os estudantes das ruas, muito pelo contrário, devemos fazer avançar as mudanças, retomar o protagonismo juvenil, avançar para a conquista de mais democracia dentro das universidades. O deputado Yulo, na sua fala, relembrou a greve de um terço, que defendia a paridade dentro dos conselhos superiores. Hoje a gente ainda tem essa luta para ser travada dentro das universidades, a própria Universidade Federal da Bahia hoje discute a reformulação do seu estatuto. E um dos elementos fundamentais é a gente fazer essa disputa pelo avanço da democracia interna nas universidades, defendendo a paridade.

E mais de 30 anos depois dessa disputa a gente continua ainda tendo que garantir nossas bandeiras, reafirmar nossas demandas e, com certeza absoluta, ter hoje esse espaço aqui para lembrar as nossas conquistas desde 79, quando acontece a reconstrução da UNE. Fazer essa grande comemoração é também reafirmar, lembrar nossos vitoriosos companheiros que foram desaparecendo durante a ditadura militar, como Alexandre Guimarães, Alexandre Vanuchi.

Esta sessão que homenageia a reconstrução da UNE é, de fato, bastante especial. O Diretório Estadual dos Estudantes foi um dos instrumentos da construção desse congresso. E Hoje quero saudar todos os estudantes, a mesa e agradecer-lhes pela participação nesta atividade.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Yulo Oiticica):- Gostaria de passar a palavra ao presidente da União dos Estudantes da Bahia, Jefferson Conceição.

Registramos a presença do companheiro Ivan Alex, da direção nacional do Partido dos Trabalhadores e do companheiro Jonas Paulo, presidente do PT da Bahia, que nos honram muito.

O Sr. JEFFERSON CONCEIÇÃO:- Bom dia.

É um prazer estar aqui para vir comemorar os 30 anos da UNE e para qualquer tipo de ação que venha a valorizar entidades como a UNE e o movimento estudantil. Antes de falar, é importante saudar os nobres colegas estudantes universitários e secundaristas e aqueles, como Javier disse, que fazem parte da antiga geração, que nos deixou esse legado e que tanto nos inspira a continuar lutando pela construção de uma universidade melhor.

Quero parabenizar não só Javier como também Yulo por terem a iniciativa dessa audiência, que faz o resgate da história da UNE, do povo brasileiro na luta por seus interesses e defesa da sua soberania nacional, nos momentos em que se manifestou na luta em defesa do petróleo, na luta contra a ditadura militar, pela anistia, pela democratização do nosso País e a construção de uma outra sociedade.

Isso custou a muitos jovens a vida, o suor, o sangue e o sofrimento, ao ver em alguns momentos seus sonhos interrompidos. E essa responsabilidade assumimos aqui, queremos transmiti-la de geração para geração e dizer-lhes que temos orgulho da construção desse processo.

Comemoramos aqui não só os 30 anos de reconstrução da UNE mas também o momento para renovar e reafirmar a nossa bandeira em defesa da soberania do Estado, a construção de um projeto de uma universidade que venha a combater essa lógica machista, racista e homofóbica que, infelizmente, permeia a universidade.

Nesse sentido, é importante estarmos atentos para saber que tipo de projeto, de universidade queremos. Se queremos um projeto que nos proporcione a superação positiva de todos esses problemas. Uma universidade que venha dialogar com a democracia, com a inclusão social, que venha formar pessoas que utilizam seus diplomas não como mecanismo para ter uma vida de privilegiados, mas que o seu diploma seja um poderoso instrumento de transformação social.

Este é o objetivo que começou em 1937, com a fundação e construção da União Nacional dos Estudantes. É um movimento que começou em 1942, com a fundação da União dos Estudantes da Bahia e que hoje continuamos essa história. Queremos convidar a todos para o congresso de reconstrução, o terceiro que vamos fazer na cidade de Juazeiro, de 28 a 30 de agosto. É um congresso que propõe debater um novo projeto de universidade, talvez se expanda o debate, a exemplo do que vem sendo feito no governo federal; um debate que seja estendido às universidades do nosso Estado, do fortalecimento do ensino, da pesquisa e da extensão, um tratamento diferenciado com a assistência estudantil, que é uma lógica de se investir naqueles e naquelas que vão estar produzindo a ciência e o conhecimento.

É preciso debater de que forma essa universidade pode abrir suas portas para incluir aquela parte da população que está aí sendo marginalizada, que está aí distante dos seus bancos universitários, pois acreditamos, também, que uma universidade democrática, que uma sociedade democrática é feita com a inclusão e a participação do povo. Então, é neste sentido que o projeto que queremos é aquele que combata o racismo, a discriminação em qualquer forma que ela se manifeste em nossa sociedade.

Então, comemorar os 30 anos de reconstrução da UNE é comemorar a força do povo brasileiro, a resistência dos estudantes e a liberdade de atuação e de expressão no nosso Estado, no nosso Brasil.

Obrigado, um forte abraço em nome da União dos Estudantes da Bahia, e esperamos poder continuar cada vez mais fortes e unidos ao longo dos anos defendendo nossos interesses, defendendo a construção de um Brasil maior, mais democrático e que realmente inclua as minorias em prol do seu desenvolvimento nacional.

Obrigado (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Yulo Oiticica):- Obrigado, Jeferson. Gostaria de saudar e convocar todo o espírito jovem que está aqui, Javier, a presença da jovem companheira Ema Alfaya, mãe do nosso companheiro Javier Alfaya que dá uma demonstração de vigor presente nesta importante sessão (Palmas)

Convido para fazer uso da tribuna o nosso companheiro, vice-presidente da UNE, Tássio Brito, antes registrando a presença do D.A. de Pedagogia da Uneb, Reginaldo Alves e Maria Lins; presidente da Abes, Associação Bahiana Estudantil Secundarista, Walmir Santos; diretor da Ubes, Herbert Brito, informando que do dia 04 a 08/09 acontecerá o 12º Coneg, Conselho Nacional de Entidades Gerais da Ubes.

O Sr. TÁSSIO BRITO:-Bom-dia a todas e todos, estou chegando da posse da nova diretoria da UNE, para o próximo período de 2009 a 2011, e lá tive oportunidade de acompanhar um movimento importante para o Brasil, o MST, pela luta da reforma agrária no Ministério da Fazenda. Queria fazer uma saudação aos companheiros que tiveram que sair por este brilhante movimento lá em Brasília.

Queria dizer que a UNE tem para este próximo período importantes batalhas a serem travadas. A primeira delas é uma batalha que tem a cara da UNE. O interessante é que antes de começarmos a nos posicionar, as pessoas já perguntavam o que a UNE ia fazer quanto a esse tema, porque realmente tem a cara da UNE e é o tema do pré-sal.

É uma coisa impressionante, porque reanima toda a militância. Há pouco tempo, pensávamos que as mudanças efetivas na educação, com muita boa vontade, com muito progressismo dos nossos governos, iriam fazer com que os nossos netos ou bisnetos tivessem uma educação de qualidade.

Agora, com esses 30 trilhões de reais que o Pré-Sal nos abre de possibilidades, já podemos sonhar com nossos filhos, talvez nossos netos, tendo acesso a essa educação. E a UNE tem de jogar um papel fundamental, colocar a estudantada na rua pra dizer que a gente quer um novo marco regulatório, o monopólio estatal da exploração do petróleo e não vai topar o jogo da Direita de desgastar a Petrobras com interesse em se beneficiar de toda essa produção e riqueza que são do povo brasileiro.

Então, esta é uma luta que é a cara da UNE e nós vamos estar encampando-a, inclusive, num primeiro documento que a Executiva aprovou ontem visando o aprontamento para o próximo período. É um ponto importante que está colocado, e estaremos com muito afinco defendendo-o.

Também há algumas questões que devemos colocar. Estamos passando por um momento importante no que diz respeito à classe trabalhadora brasileira. Há um momento positivo de reivindicação sobre a redução da jornada de trabalho pra 40 horas. A UNE tem que tomar, e irá tomar, um posicionamento firme, como já vem tomando em determinados eventos, de apoio à redução da jornada de trabalho, de apoio à classe trabalhadora nesta luta, porque ela diz respeito à inserção de 2,5 milhões de novos empregos. Isso afeta diretamente a nossa juventude e diz respeito ao combate à precarização do trabalho, que também a afeta frontalmente. É mais uma luta que a UNE estará encampando no próximo período, pois é igualmente importante pra classe trabalhadora. E a gente sabe que os movimentos sociais juntos conseguem obter resultados maiores. É por isso que a UNE tem de estar junto com a CUT e a CTB nas lutas das centrais sindicais, e com o MST nas lutas do campo pela reforma agrária.

Na luta pela reforma universitária nós vamos ter também uma tarefa muito importante no próximo período. A de levar essa reforma, que conseguimos sintetizar no último Coneb, para cada universidade deste País fazendo com que cada estudante possa se apropriar dela, porque o embate vai vir, e todos e todas precisam estar preparados porque teremos uma missão árdua.

Se aquele PL 7200, que não era um consenso, recebeu mais de 300 emendas da Direita no Congresso, imaginem esse PL da UNE, que é avançado e tem o consenso das forças progressistas da nossa entidade?! Imaginem o que a Direita não vai querer fazer com ele lá dentro daquela Casa!. Então, nossos estudantes da universidade têm de estar preparados para fazer esse debate. A UNE precisa ir para a base e irá pra fazer

essa discussão da reforma e dar subsídio à estudantada defendendo, quando preciso, o nosso projeto de reforma universitária.

Queria comentar duas coisas importantes que dizem respeito ao período que vamos passar no ano que vem. A UNE é uma entidade plural que abarca diversos segmentos. Mas ela tem lado, e os seus estudantes não têm dúvida do lado em que ela vai estar na disputa pelo projeto do ano que vem. E essa disputa diz respeito não só ao embate eleitoral, pois nós precisamos nos apropriar dos espaços que estão colocados agora. Um deles é a conferência de educação, evento do qual precisamos participar levando a nossa proposta de educação popular e emancipadora para que possamos dar subsídio a esse projeto que se renova e para que tenhamos também nas conferências um instrumento de implementação de novas políticas sociais para a educação.

Uma outra coisa está muito latente nesse período pós-congresso e diz respeito à comunicação social brasileira. Eu estaria muito preocupado se a revista *Veja*, ao invés de editar inescrupulosamente uma entrevista do nosso novo presidente da UNE, Augusto Chagas, e colocá-la de qualquer modo lá nas suas páginas, tivesse feito muitos elogios ao nosso congresso. Aí eu iria achar que tinha alguma coisa errada. Mas, enquanto ela estiver falando mal, quer dizer que a UNE está caminho no caminho certo: o de um país progressista. A UNE está no caminho certo contra os tubarões do ensino e a precarização da educação. (Palmas!)

Portanto, acho que se faz fundamental a presença da entidade dos estudantes nas conferências de comunicação pra dizer à Direta que vai ser preciso muito mais tinta e muito mais papel pra arrancar a imagem da UNE. Pra dizer à Direita que a *Veja* não tem nenhuma credibilidade, sobretudo perante a imagem que a UNE tem na sociedade brasileira. (Palmas).

Quero dizer que também é importante o momento que vivemos, de uma campanha começada na gestão passada, que é a “UNE de Volta para Casa”. Nós vamos ter, durante esses dois próximos anos, um objetivo de conseguir concretizar esse retorno para a Praia do Flamengo, 132, nossa sede que foi destruída na década de 60. O presidente Lula reconheceu a responsabilidade do Estado pela destruição daquela sede, e agora nós temos a possibilidade de voltar, através da indenização do Estado, a levar a UNE para essa a nossa sede histórica, e essa também será uma tarefa importante para o próximo período.

Eu quero dizer, para ser breve, que nós, no movimento social, não temos nenhuma dúvida sobre qual é o lado que atuamos. Depois da eleição do Presidente Lula, em 2002, nós, ao invés de ficarmos patinando sobre qual seria agora o nosso posicionamento, nós compreendemos que a forma de ajudar governos progressistas a caminhar é ir para as ruas para combater a Direita que quer se infiltrar por dentro do governo. E é isso que nós estamos fazendo, é isso que nós vamos fazer no próximo período, para dizer qual é a educação que o estudante quer, para dizer qual é a comunicação que o estudante quer, para dizer o que o estudante, o que o povo quer que seja feito do Pré-sal, porque eu tenho certeza que a nossa companheira que vai estar, ano que vem, capitaneando esse processo de renovação do projeto, vai conseguir absorver no programa, se nós formos para a rua, se nós conseguirmos pautar isso.

E a mesma coisa se dá no cenário estadual. Nós temos que garantir que o movimento social consiga ser autônomo e consiga pautar as verdadeiras

transformações e os anseios da juventude brasileira.

Muito obrigado. Saúdo o deputado Yulo Oiticica, não é a primeira vez que faz uma sessão importante como essa, recordar da sessão dos 25 anos do MST, que é o nosso irmão mais jovem do movimento social, não é tão velho quanto a UNE, mas que tem uma participação importante, fundamental também na luta pelo progresso do Brasil e pela construção do socialismo nesse país.

Muito obrigado.

(Palmas).

O Sr. PRESIDENTE (Yulo Oiticica):- Obrigado, Tássio.

Registro aqui a presença da companheira Michele, da Pastoral da Juventude; a companheira Cláudia, da Pastoral da Juventude do Meio Popular, lembrando que Cláudia estava agora coordenando uma vídeo conferência, exatamente, Tássio, contra a baixaria nos meios de comunicação, patrocinado pela lógica do mercado, portanto o Ibope a qualquer preço.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Yulo Oiticica):- Convocamos para fazer uso da palavra o nosso companheiro, ex-vice-presidente regional da UNE- Ba, Vladimir Meira.

O Sr. VLADIMIR MEIRA:- Bom-dia a todos e todas aqui presentes. Quero saudar a Mesa em nome do deputado Yulo e do deputado Javier, que são os idealizadores e realizadores também desta sessão especial. Saudar também os estudantes que vieram aqui, todo mundo que já fez parte do movimento estudantil e que hoje contribui também para o fortalecimento da causa da juventude brasileira, mais especificamente da causa dos estudantes brasileiros, que, na verdade, fortalecem aí o encontro da juventude com a democracia em nosso país.

Inicialmente eu acho que os oradores anteriores aqui conseguiram fazer um balanço importante da história da UNE, mostrar exatamente o que ela significou, no passado, em nosso país e o que esse passado representa para nós, hoje, que somos os herdeiros dessa história de grandes vitórias e de grandes batalhas da União Nacional dos Estudantes.

Nós vimos aí as fotos do simbólico e, talvez, o mais importante Congresso da União Nacional dos Estudantes, em 1979, há exatamente 30 anos.

E dizer que esta sessão representa, na verdade, não, talvez, a comemoração da anistia e do recrudescimento do autoritarismo do regime militar em nosso país, mas representa, sim, um momento de fortalecimento e aperfeiçoamento da democracia brasileira, com grande presença e grande protagonismo, não só dos estudantes, através da UNE, mas, também, de todo o movimento social organizado em nosso país.

Então, esse foi, talvez, o ponto máximo, o ápice do nosso congresso da UNE, lá em Brasília, e Tássio lembrou aqui também que foi, de fato, a nossa manifestação em defesa desse patrimônio do povo brasileiro, que foi criado na década de 50, inclusive, com a ajuda e com o apoio do povo, mais especificamente da União Nacional dos Estudantes, que é a Petrobras.

Então, a nossa manifestação lá em Brasília marcou exatamente essa forma e essa unidade do movimento social brasileiro, em torno de causas importante para o nosso País, mas, principalmente, para o futuro da nossa nação, tendo em vista os ataques que

a mídia, junto com a Direita, os oposicionistas do Congresso Nacional, vem fazendo à Petrobras. Hoje em dia, também a UNE virou um dos principais alvos da mídia burguesa, por conta desse patrimônio do povo brasileiro.

Então, acho que esta sessão, na verdade, vai na contramão desse processo que a mídia tenta impor ao povo brasileiro hoje, que é de combate ofensivo ao movimento social organizado, e a UNE, na verdade, vem conseguindo contribuir para esse debate.

O Tassio apresentou também aqui algumas bandeiras da nova gestão, que são herdadas da gestão anterior, da qual fiz parte. Na verdade, já estou me despedindo da gestão passada da UNE, mas acho que, principalmente, o que a gente viveu na gestão anterior, foram talvez grandes conquistas. Talvez, não, tenho certeza de que grandes conquistas para os estudantes brasileiros e, mais especificamente, grandes conquistas para a juventude do nosso País, que nunca teve perspectivas de entrar numa universidade.

Então, se na gestão anterior, de 2007 a 2009, a gestão que de Daniele fez parte, de que Jefferson fez parte, houve uma batalha importante pela aprovação do projeto de lei 7.200, que não teve êxito por parte dos estudantes naquele período, a minha gestão, que terminou agora no mês de julho, conseguiu lutar pela defesa da ampliação das vagas nas universidades federal brasileira, através do Reuni, e tenho a plena convicção de que foi uma importante e grande conquista da juventude brasileira, mais especificamente, dos estudantes brasileiros.

A gente tem aqui presente Ellen, que é do mais novo CA da Universidade Federal da Bahia, o CA do Bacharelado Interdisciplinar de Humanidades, militantes também do movimento estudantil recém-chegados à universidade, e acho que ela, com certeza, simboliza esse momento novo que a gente vive na universidade. Hoje e com com certeza, daqui para a frente, a UNE vai contribuir para outras mudanças, para outras conquistas, novas bandeiras, para que o futuro do nosso País tenha novos protagonistas, para poder representar este momento que a gente vive, hoje, que é o momento de grande contribuição para o fortalecimento da democracia, mais especificamente, para o fortalecimento da educação brasileira, tendo em vista o nosso futuro.

Então, para encerrar, queria deixar aqui, de fato, o meu agradecimento e de toda essa geração que fez parte do movimento estudantil baiano, nestes dois anos, de 2007 a 2009, por essa sessão importante. A gente vive um momento importante de comemoração dos 30 anos de reconstrução da UNE, e somos talvez os herdeiros dessa geração, e os que vão passar para as próximas gerações também essas conquistas e essas batalhas que com certeza se repetirão por todo o futuro do nosso País, para cada vez a democracia se fortaleça no Brasil.

Muito obrigado pela atenção, e agradeço a Yulo pela oportunidade. (Palmas)
(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Yulo Oiticica):- Obrigado, Vladimir.

Gostaria de convocar nossa companheira Daniele Costa, também ex-dirigente da UNE. Gostaria de registrar aqui a manifestação de apoio e a justificativa da ausência do nosso atual presidente da UNE, nosso companheiro Augusto Chagas, também o vice Francisco Catalino, também ex-presidente da UNE Capeli, o ex-presidente da UNE, atual prefeito de Olinda, Reginaldo Calheiros, o atual deputado federal e ex-presidente

da UNE Fernando Gusmão, de Lúcia Rabelo e do nosso ex-presidente também da UNE, atual deputado federal, nosso companheiro Aldo Rabelo.

Com a palavra a companheira Daniele Costa.

A Sr. DANIELE COSTA:- Bom-dia a todas e a todos. Não poderia desperdiçar este momento aqui de falar sobre a importância deste momento, mas registrar também que a voz de Camila ali no fundo, reivindicando a participação das mulheres, ainda é uma luta histórica nestes 72 anos da União Nacional dos Estudantes, porque as mulheres, elas com certeza, participaram dos principais momentos da história do nosso País e dos movimentos sociais.

Mas ainda é um desafio refletir isso nas entidades dos movimentos sociais, e a UNE é um exemplo disso. Na sua história de 72 anos, apenas 4 mulheres presidiram a nossa entidade. Portanto, quero aproveitar este momento para fazer uma homenagem a elas: Clara Araújo, primeira mulher a presidir a UNE, baiana, estudante de Ciências Sociais naquele momento; Patrícia, do Rio Grande do Sul, gaúcha, assumiu a presidência da UNE; Lúcia Stuff, que saiu agora nesse Congresso da UNE. Presidiu a UNE acho que num dos momentos mais difíceis, mas com certeza de grandes vitórias da União Nacional dos Estudantes.

Gostaria de fazer esse registro e trazer essas lembranças aqui, na verdade mergulhar nesse encontro de gerações, das gerações do movimento social reivindicando esse patrimônio que não é de nenhum partido. Acho que esta sessão reflete isso pela presença do deputado estadual Yulo, do deputado estadual Javier, dois deputados de partidos diferentes. Fazem uma sessão como esta, demonstram e dão uma lição para nós de que a UNE não é patrimônio de nenhum partido político, mas um patrimônio da sociedade brasileira, um patrimônio dos estudantes que construíram e fizeram dessa entidade uma entidade de reivindicações de importantes bandeiras.

Gostaria de aproveitar este momento em que vivemos agora uma contradição. Hoje o combate que a direita faz à UNE se refletiu principalmente nas últimas matérias da revista *Veja*, do jornal *Folha de São Paulo*. Em vez de demonstrarem como um congresso conseguiu reunir estudantes das mais diversas regiões do País que foram para lá debater uma proposta universitária, discutir sobre cultura, saúde, sobre a legalização do aborto, da descriminalização das drogas, em vez de clamar a juventude para entrar nesse espírito de acreditar que nós, sim, somos aqueles que temos o potencial de transformar a sociedade, colocaram nas páginas a UNE como uma entidade que ainda não consegue refletir os anseios da juventude brasileira, uma entidade que não consegue ser porta-voz dessa juventude. Acho que a revista *Veja* é uma demonstração de como a direita está organizada para combater a UNE. Isso nos coloca a necessidade de reafirmar a resistência a essa voz da direita que se reflete na *Veja* e na *Folha de São Paulo*.

É necessário sim continuarmos ocupando as ruas, porque a UNE não é de nenhum governo. Ela reivindica a sua independência, mas sabe qual o momento certo de dialogar e de apontar as suas bandeiras históricas. Por isso acho que é importante fazermos isso também nesse congresso que Jefferson colocou aí. O Congresso da OEB é um importante momento de se reafirmarem que os estudantes aqui na Bahia acreditam ainda nos avanços que são necessários para a construção de um projeto que favoreça aqueles que ainda são excluídos, aqueles que ainda não fazem parte dos

bancos das salas de aula das universidades. Ainda somos 10% da população da juventude que têm acesso à universidade. Ainda é um desejo, ainda é uma luta, ainda é uma reivindicação transformar essa realidade, fazer da universidade um espaço democrático onde homens e mulheres construam essa sociedade muito mais igualitária, muito mais justa.

Então, deixo aqui uma saudação para que possamos caminhar, seguir em frente e construir esse Brasil e essa Bahia cada vez mais livres, cada vez mais igualitários. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Yulo Oiticica): - Obrigado, Daniele. Gostaria só de pedir a compreensão de todos. Vamos ouvir agora o nosso último orador e sem dúvida um dos mais importantes desta sessão, nosso companheiro Ruy César Costa Silva, ex-presidente da UNE. (Palmas)

O Sr. RUY COSTA:- Bom dia a todos vocês. Agradeço ao deputado Yulo Oiticica e ao deputado Javier Alfaya pelo convite. São dois deputados que acho que renovam com seu espírito de juventude as práticas desta Assembleia. Imagino que, dentro do parâmetro da Instituição, esse trabalho deve ser bastante difícil, mas vocês o levam adiante, como muito entusiasmo.

Gostei muito de escutar os novos representantes da juventude universitária e ouvi-os com muita atenção, carinho e emoção, porque, ontem à noite, à minha cabeça, a memória trazia várias lembranças dos momentos difíceis de romper a barreira da repressão, da dificuldade de transitar no Brasil, das diversas detenções que nos levaram a esse movimento e a esse ideal de união, aspiração, convívio, afeto, carinho, aspiração intelectual, visão de futuro, a esse desejo de mudança, tudo isso que nos levou a pensar que a reconstrução da UNE poderia ser um caminho.

Foi um momento muito interessante, porque houve a conjunção do movimento estudantil com o movimento pela anistia e o movimento operário em São Paulo, no ABC. Na época, o Lula, o Alemão e toda a diretoria do sindicato foram presos, e a UNE teve um papel importante. Recentemente, o presidente Lula relembrou, na abertura do Fórum Mundial, em São Paulo, todo o episódio das nossas visitas. Coordenamos a assembleia em São Bernardo, conseguimos organizar um movimento pela libertação dessa diretoria, ajudamos a manter os operários em campanha no Brasil inteiro. Havia uma conjunção muito interessante no Brasil e também fora com a Anistia Internacional. Com os exilados fora, pudemos visitar vários países da Europa e das Américas e conseguimos organizar o retorno dessas pessoas ao País, com os estudantes à frente, exercendo esse papel, essa busca. Imagino que, hoje, o ambiente da UNE também seja de debate. É uma experiência que toca a gente para sempre. Hoje, dirijo uma rede internacional na área de cultura, e trabalhamos com comunidades tradicionais nos Andes, organizando a América Latina e o movimento cultural latino-americano dentro dos Estados Unidos. Estamos levando artistas palestinos para gravar em estúdios de alta qualidade, em Israel, e todo esse movimento, toda essa dificuldade de transitar, todo esse ideal, essa aspiração vieram da escola da UNE. Tudo isso que posso praticar também na nossa escola da Federação, com os jovens com os quais podemos dialogar, todo esse ambiente intelectual de alto nível, neste mundo tão

pragmático, de um mercado tão cruel, todo esse desejo de mudança, toda essa capacidade de se indignar vêm desse exercício, dessas práticas vividas no movimento estudantil.

Então vocês são a nossa esperança de que essa possibilidade de sonhar com um mundo melhor siga adiante com vocês, jovens, militantes do movimento estudantil e da nossa querida União Nacional dos Estudantes.

Obrigado por poder estar aqui escutando a fala de vocês nesta manhã!
(Palmas.)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Yulo Oiticica):- Quero dizer a você, Ruy, em nome dos deputados que propuseram e construíram esta sessão, que o seu testemunho de ontem e a sua vitalidade de hoje nos fazem parceiros. Acho que isso é fundamental. Os nossos cabelos brancos – Javier já com a ausência de alguns cabelos – sem dúvida, junto com esse vigor da juventude de hoje, fazem que, cada vez mais, a UNE, Ademário, como bem disse você, seja não só capaz de resistir ao tempo, na perspectiva da força na sua unidade; mas também de, verdadeiramente, ter opinião sobre as coisas deste País e ser parceira das outras organizações.

Portanto, Ruy, essa escola, essa fonte em que você bebeu faz de você, hoje, um militante do Planeta. Isso é fundamental para nós. Que todos que passam por essa fonte de energia, de formulação de política, de democracia, que a conhecem e conseguem conviver com ela sejam, sobretudo, cidadãos capazes de compreender o seu papel na sociedade. Portanto, essa escola faz com que cada um cresça cada vez mais e leve para toda a vida os aprendizados.

Ao agradecer a todos e a todas, quero dizer que, às vezes, o frio viola os direitos humanos. Então a bandeira também é para isso, como foi ontem a faixa da anistia ampla e irrestrita. Enfim, agradeço a todos, porque esta só foi uma grande festa porque conta com homens e mulheres capazes de perceber o seu papel na sociedade.

Vida longa à UNE! Vida longa ao protagonismo juvenil brasileiro! Vida longa a homens e mulheres que são capazes de ter a ousadia na construção da nova democracia brasileira!

Está encerrada a nossa sessão.

*Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/sessoes.cfm>. Acesse ao caminho **Atividades Parlamentares - Sessões Plenárias** e leia-as na íntegra.*